

Platão

Protágoras

Tradução de Carlos Alberto Nunes

Editora da Universidade Federal do Pará

2002



Protágoras

St. I

- 309 a I – *O amigo* – De onde vens, Sócrates? Nem é preciso perguntar: estavas na caça da beleza de Alcibiades. Em verdade, quando o vi, não faz muito tempo, pareceu-me um belo homem. Sim, homem feito, Sócrates, cá para nós; já tem bastante barba.
- Sócrates* – E que importa isso? Não és da opinião de Homero, quando diz que a idade mais graciosa é aquela em que o buço aponta? Alcibiades se encontra precisamente nessa fase.
- b *O amigo* – E como te foste? Fizeste-lhe uma visita? De que modo te tratou o adolescente?
- Sócrates* – Parece que me tratou bem; principalmente hoje; por mais de uma vez tomou a palavra em minha defesa. Mas vou contar-te um fato singular; é que, estando ele presente, não lhe prestei a mínima atenção; por vezes, cheguei mesmo a esquecer-me dele.
- c *O amigo* – Que poderá ter acontecido de tão grave entre ele e ti? Por certo não encontraste ninguém mais belo, pelo menos em nossa cidade.
- Sócrates* – Muito mais belo.
- O amigo* – Que me dizes? É ateniense ou estrangeiro?
- Sócrates* – Estrangeiro.
- O amigo* – De onde?
- Sócrates* – De Abdera.
- O amigo* – E pareceu-te tão belo esse estrangeiro, que o consideras superior ao filho de Clínias?
- Sócrates* – Como poderá deixar de ser mais belo, meu caro, quem é mais sábio?
- O amigo* – Então, Sócrates, vens do encontro com algum sábio?

d *Sócrates* – O homem mais sábio do nosso tempo, se também fores de parecer que Protágoras é o mais sábio dos homens.

O amigo – Que me dizes! Protágoras acha-se entre nós?

310 a *Sócrates* – Já faz três dias.

O amigo – Estiveste com ele há pouco?

Sócrates – Sim, onde falei muito e ouvi outro tanto.

O amigo – Então, caso não tenhas nenhum compromisso para agora, por que não contas o que se passou nessa entrevista? Senta-te aqui, no lugar deste menino.

Sócrates – Com todo o gosto, e ainda vos ficarei agradecido de me ouvirdes.

O amigo – Como também te ficaremos nós, se nos contares isso.

Sócrates – Gentileza de parte a parte. Então, ouvi.

b II – Na noite passada, em plena madrugada, Hipócrates, filho de Apolodoro e irmão de Fasão, bateu violentamente com o seu bastão na porta de casa; logo que alguém lha abriu, entrou como um pé-de-vento, gritando a plenos pulmões: – Sócrates, exclamou, estás dormindo ou já acordaste?

E eu, tendo-o reconhecido pela voz: – Hipócrates, lhe falei, trazes alguma novidade?

– Nenhuma, respondeu, se não for coisa boa.

– Tanto melhor, observei. Porém, que houve, e por que vens a estas horas?

– Protágoras chegou, disse ele, pondo-se na minha frente.

– Desde anteontem, lhe repliquei; só agora o soubeste?

c – Sim, pelos deuses, respondeu; ontem à noite.

Assim dizendo, tateou a cama e sentou-se do lado dos pés. E prosseguiu: – Sim, ontem à noite, bem tarde, ao voltar de Enoê. Meu escravo Sátiro fugiu; pensei em vir comunicar-te que ia sair à sua procura, mas qualquer coisa intercorrente me fez esquecer isso. Ao voltar para casa, depois de havermos jantado e quando já nos íamos

deitar, meu irmão me disse que Protágoras havia chegado. No primeiro momento, tive idéia de vir imediatamente procurar-te; depois, pareceu-me que a noite ia muito adiantada; porém logo que o sono me refez da fadiga, levantei-me e pus-me a caminhar para cá.

d

Por conhecer o seu natural decidido e arrebatado, perguntei-lhe: – E que tens com isso? Protágoras te ofendeu em alguma coisa?

Ao que ele respondeu, rindo: – Sim, pelos deuses, Sócrates; por ser sábio só para si e não me comunicar o que sabe.

– Por Zeus, lhe repliquei; se lhe deres dinheiro e o persuadires, deixar-te-á também sábio.

e – Prouvera a Zeus, me disse, e aos demais deuses, e que assim fosse! Gastaria todos os meus haveres e os dos meus amigos. Por isso mesmo, vim procurar-te, para que te entendas com ele a meu respeito; pois não somente ainda sou muito moço, como nunca vi Protágoras nem nunca lhe falei. Era criança quando ele aqui esteve pela primeira vez. Mas todo o mundo, Sócrates, considera o homem orador eloqüentíssimo. Por que não procurá-lo

311 a imediatamente, para apanhá-lo em casa? Está hospedado, segundo ouvi dizer, em casa de Cálías, filho de Hipônico. Vamos logo!

Retruquei-lhe: – Ainda não, meu caro; é muito cedo. Porém levantemo-nos e vamos para o pátio, onde ficaremos a passear e conversar até clarear o dia; depois iremos. Além do mais, Protágoras pára muito tempo em casa; não tenhas medo; tudo indica que havemos de encontrá-lo.

b III – Depois de dizer isso, levantamo-nos e fomos para o pátio. Então, para pôr à prova a resolução de Hipócrates, pus-me a interrogá-lo sem desviar dele a vista. – Hipócrates, comecei, dize-me uma coisa: já que resolveste procurar Protágoras e dar-lhe dinheiro pelos serviços que te prestar, a que homem procuras e como

achas que ele vai deixar-te? Se, por exemplo, te propusesses a procurar teu homônimo Hipócrates, de Cós, da estirpe de Asclépio, e lhe desses dinheiro pelos cuidados que te dispensasse, e alguém te perguntasse:

c Dize-me uma coisa, Hipócrates: a que título vais pagar salário a Hipócrates? que lhe responderias?

– Diria, respondeu, que era por ele ser médico.

– E para vires a ser o quê?

– Médico, respondeu.

– E se resolvesse procurar Policleto, de Argos, ou Fídias, ateniense, decidido a pagar-lhes salários, e alguém te perguntasse que profissão têm Policleto e Fídias, a quem te dispões a remunerar os serviços, que responderias?

– Respondera que têm a profissão de escultor.

– E para vires a ser o quê?

– Escultor, evidentemente.

d – Muito bem, lhe disse. Agora, eu e tu vamos procurar Protágoras, dispostos a dar-lhe dinheiro para que ele se ocupe contigo, se para tanto bastarem nossos recursos e ele ficar satisfeito; caso contrário, acrescentaremos os recursos de nossos amigos. Imaginemos, agora, que alguém nos perguntasse, ao perceber nosso empenho na consecução desse projeto: Sócrates e Hipócrates, dizei-me que espécie de homem é esse Protágoras a quem tencionais oferecer dinheiro?

e Que lhe responderíamos? Que outro nome aplicamos a Protágoras, como dizemos de Fídias, que é escultor, e de Homero, que é poeta? Qual é a designação peculiar a Protágoras?

– Sofista, Sócrates, respondeu; é assim que lhe chamam.

– É na qualidade de sofista, por conseguinte, que lhe vamos dar dinheiro?

– Perfeitamente.

– E se a mesma pessoa insistisse em perguntar-te: E que pretendes ser com os ensinamentos de Protágoras?

312 a

Ao responder-me, enrubescou – pois já estava suficientemente claro para que eu pudesse ver-lhe o rosto:

– Por coerência com o que dissemos antes, é claro que é para ser sofista.

– Pelos deuses! lhe disse; e não te envergonhas de te apresentares aos helenos na qualidade de sofista?

– Muito, Sócrates, por Zeus, se tiver de dizer o que penso.

b – Mas, talvez, Hipócrates, sejas de parecer que os teus estudos com Protágoras visem a outra finalidade, como se deu com os que fizeste com os professores de gramática, de cítara e de ginástica? Não tomaste lições com cada um deles por amor à técnica, com o fito de exercer determinada profissão, mas apenas para fins educativos, como convém a um jovem particular e livre.

– É assim mesmo que eu penso, me falou; desse jeito é que vai ser meu estudo com Protágoras.

IV – Sabes o que estás na iminência de fazer, lhe disse, ou não o percebes?

– A respeito de quê?

c – Pois resolvesse entregar tua própria alma aos cuidados de um homem que, conforme disseste, é sofista; mas o que seja, de fato, sofista, muito me admiro se o souberes. Ora, se ignoras isso, também não poderás saber a quem entregas tua alma, nem se é para teu bem ou para mal.

– Penso que sei, respondeu.

– Então dize: na tua opinião, que é um sofista?

– A meu parecer, disse, como o próprio nome o indica, é um indivíduo cheio de sabedoria.

d – Ora, retruqueei; a mesma coisa se poderia dizer dos pintores e dos arquitetos, que são indivíduos cheios de sabedoria. Porém se alguém nos perguntasse em que os pintores são cheios de sabedoria, decerto lhe responderíamos que é na execução de retratos, e assim com tudo o mais. E se ele prosseguisse nas perguntas:

E o sofista, de que sabedoria é cheio? que lhe responderíamos? Em que arte ele é perito?

– Que lhe responderíamos, Sócrates? Na arte de ensinar a falar bem.

e – É possível, observei, que a resposta esteja certa; porém não basta isso, pois a pergunta ainda nos impõe dilucidar qual seja a matéria sobre que nos ensina o sofista a falar bem. É assim que o citaredo ensina a falar bem a respeito da matéria de que ele entende, a arte de tocar cítara, não é verdade?

– Sim.

– Pois bem; e o sofista, a respeito de que ensina a falar bem? Evidentemente, a respeito do que ele entende.

– Sem dúvida.

– Qual é, então, a matéria de que o sofista entende e que transmite a seus discípulos?

– Por Zeus, disse; já não sei o que responda.

313 a V – Nessa altura, interpelei-o: – E então? Sabes o perigo a que vais expor tua alma? Se tivesses de confiar teu corpo a alguém, correndo o risco de deixá-lo mais forte ou de estragá-lo, havias de refletir mais de espaço antes de tomares qualquer resolução; procurarias aconselhar-te com amigos e parentes e meditarias sobre o assunto dias seguidos; e por uma coisa que consideras muito superior ao corpo, por tua alma, de que dependerá seres feliz ou desgraçado, conforme venha ela a ficar forte ou a estragar-se, por tua alma, não te aconselhaste nem com teu pai, nem com teu irmão, nem com nenhum de b nós, teus familiares, para decidirmos se deverias ou não confiar tua alma a esse estrangeiro recentemente chegado, mas tendo, como disseste, ouvido ontem à noite falar dele, vieste até aqui de manhãzinha, não para entabularmos conversação e te aconselhares comigo, sobre se deves entregar-te a ele ou não, porém disposto a gastar tua fortuna e a dos amigos, visto já teres resolvido que é preciso, a todo custo, freqüentar Protágoras, que

c não conheces, conforme dizes, e com quem nunca conversaste; dá-lhe o nome de sofista, mas é evidente que ignoras o que venha a ser sofista; e é a esse homem que pretendes entregar-te!

Depois de ouvir-me, concluiu: – É o que se depreende, Sócrates, do que acabas de dizer.

– O sofista, Hipócrates, não será, porventura, uma espécie de mercador, ou traficante de virtualhas para alimentar a alma? A mim, pelo menos, é o que eles parecem ser.

– Mas, de que se alimenta a alma, Sócrates?

d – De conhecimentos, é claro, respondi. Por isso, amigo, precisamos precaver-nos, a fim de que o sofista não nos logre com os encômios a sua mercadoria, como se dá com os que mercadejam alimentos para o corpo, mercadores ou traficantes; ignorando estes se os gêneros com que traficam são benéficos ou nocivos para o corpo, elogiam-nos indiscriminadamente, o que também ignoram os que os adquirem, a menos que haja entre eles algum médico ou pedótriba. O mesmo acontece com os que percorrem as cidades oferecendo conhecimentos, os que os vendem e mercadejam, sem cessarem de enaltecê-los, para os que se mostram desejosos de adquiri-los. e Pode dar-se o caso, caro amigo, de haver muitos que não saibam quais sejam das mercadorias à venda as úteis ou as nocivas para a alma, como também não o sabem os que as adquirem, salvo se houver entre eles algum médico da alma. No caso de conheceres o que neste particular é vantajoso ou prejudicial para a alma, poderás comprar conhecimentos sem perigo nenhum, não só de Protágoras como de qualquer outro sofista; mas se 314 a ignoras isso, acautela-te, meu caro, para não arriscares num simples lanço de dados o que tens de mais estimado, pois corremos muito maior perigo na compra de conhecimentos do que na de alimentos para o corpo. Os mantimentos e bebidas adquiridos nalgum vendedor ou traficante podem ser transportados em qualquer vasilha,

e antes de passarem para o corpo, com serem comidos e bebidos, remanesce sempre a possibilidade de poderem ser guardados em casa e de ser chamado algum conhecedor do assunto, para opinar sobre quais devam ser ingeridos e quais não, a quantidade e o tempo certo, de forma que não há grande perigo nessa compra. Os conhecimentos, porém, não podem ser transportados em vasilha alguma; uma vez pago o preço, forçoso é que, com as aulas, os recolhas na própria alma e que te retires, ou grandemente prejudicado ou beneficiado. Aconselhemo-nos com pessoas mais velhas do que nós; ainda somos muito moços para tomarmos qualquer deliberação sobre assunto de tamanha relevância. E agora, já que nos dispusemos a isso, vamos ouvir o homem, para conversarmos depois com outras pessoas sobre o que tivermos ouvido. Protágoras não está só; encontra-se lá, também, Hípias, de Élide, e, se não estou enganado, Pródico, de Quio.

VI – Havendo tomado essa resolução; pusemo-nos em marcha. Quando alcançamos o vestibulo da casa, detivemo-nos para continuar a desenvolver um assunto que nos ocorrera em caminho. Para não interrompê-lo e só entrarmos depois de chegarmos ao fim da discussão, continuamos a conversar de pé no vestibulo, até chegarmos a uma conclusão. Penso que o porteiro, um eunuco, ouviu nossa conversa, sendo de presumir que tivesse tomado ojeriza às visitas da casa, em virtude da grande afluência de sofistas, pois, mal havíamos batido, abriu a porta, e, vendo-nos, gritou para o nosso lado:

– Ah! exclamou; mais sofistas! Ele está com todo o tempo tomado.

Assim dizendo, fechou decidido com as duas mãos a porta no nosso rosto. Tornamos a bater; mas, sem abrir a porta, falou-nos do lado de dentro: – Oh, senhores! Não me ouvistes dizer que ele não tem tempo?

– Mas, meu caro, lhe respondi, não estamos à procura de Cálias, nem somos sofistas. Tranqüiliza-te; viemos procurar Protágoras. Anuncia-nos.

Por fim, sem parar de resmungar, o homem abriu a porta. Ao entrarmos, avistamos Protágoras a passear no pórtico; acompanhando-lhe os passos, encontravam-se, de um lado, Cálias, filho de Hipônico, e seu irmão uterino, Páralo, filho de Pércles, bem como Cármidés, filho de Gláucone; do lado oposto, o outro filho de Pércles, Xantipo, Filípides, filho de Filomelo, e Antímeros, de Mende, o mais famoso dos discípulos de Protágoras, que estudava com ele para seguir a profissão de sofista. Atrás desses vinha um bando de ouvintes, entre os quais se viam muitos estrangeiros, que Protágoras arrebanhara das cidades por onde passara, atraindo-os com sua voz, como fazia Orfeu, e eles, enfeitiçados, o seguiam. No coro notavam-se também alguns atenienses. Nesse coro o que mais me deleitou foi ver a deferência com que todos se esforçavam para não incomodar Protágoras com lhe tomar a frente. Todas as vezes que ele e seus acompanhantes se voltavam, em perfeita ordem e precisão os ouvintes se apartavam para a direita e para a esquerda, e, formando um círculo, numa execução admirável, vinham colocar-se de novo por trás dele.

VII – Vi depois desses, como diz Homero, Hípias, de Élide, no peristilo oposto, sentado numa cadeira mais alta; à volta dele, em bancos, encontravam-se Erixímaco, filho de Acumeno, Fedro, o mirrinúsio, Andrão, filho de Androtião, e vários estrangeiros, dos quais alguns eram compatriotas de Hípias. Parece que formulavam perguntas a Hípias sobre a natureza e os fenômenos astronômicos, e ele, no trono como se achava, respondia a cada um dos consulentes e discorria sobre as questões apresentadas. Vi, também, Tântalo; estava presente, também, Pródico, de Ceos, num compartimento que

antes disso servia a Hipônico de celeiro, mas que, à vista da afluência de hóspedes, Cálías havia desocupado para receber os estrangeiros. Pródico ainda estava deitado, debaixo, ao parecer, de muitas peles e cobertores. Perto dele, nos leitos vizinhos, encontrava-se Pausânias, o ceramense, e com Pausânias um adolescente muito novo

e ainda, que se me afigurou de boa e nobre índole e que é, seguramente, de beleza dificilmente comparável. Creio ter ouvido dizer que se chamava Agatão, e não me admirarei nada se ele for o favorito de Pausânias. Havia, pois, esse adolescente, os dois Adimantos, um, filho de Cépide, e o outro, de Leucolófido, e mais alguns. De fora, não conseguia apanhar o assunto da dissertação de Pródico, por maior que fosse minha curiosidade de ouvi-lo

316 a falar, pois o considero homem eminentemente sábio e divino. Porém sua voz de tonalidade muito grave ressoava no compartimento, o que não permitia distinguir as palavras.

VIII – Apenas havíamos entrado, chegaram também Alcibiádes, o belo, como lhe chamaste e eu concordo, e Crítias, filho de Calescro. Ao entrarmos, ficamos algum tempo a contemplar tudo aquilo, depois do que nos dirigimos a Protágoras, tendo-lhe eu dito: – Protágoras, viemos procurar-te para tratar contigo de certo assunto, eu e Hipócrates aqui presente.

b – Desejas falar-me em particular, disse-me ele, ou na presença destas pessoas?

– Para nós é indiferente, respondi; depois de ouvires o que nos trouxe aqui, tu mesmo decidirás o que convém fazer.

– Qual é, então, o motivo, indagou, de me procurardes?

– Hipócrates que aqui vês, lhe disse, é de nossa cidade, filho de Apolodoro, oriundo de uma casa grande e abastada. Quanto aos dotes naturais, pode competir com os mais distintos moços da mesma idade.

Ambicionando, segundo penso, tornar-se figura de relevo em nossa cidade, pareceu-lhe que o melhor meio de alcançar esse desiderato seria tomar lições contigo. Vê, portanto, o que é mais conveniente: tratarmos desse assunto em particular, ou na frente de outras pessoas.

c – Com razão, Sócrates, me falou, te interessaste por mim. Um estrangeiro que procura as grandes cidades e nelas convence a fina flor da juventude a abandonar a companhia de parentes e estranhos, ou sejam velhos ou

d moços, para ligar-se a ele e vir a lucrar com a sua convivência, precisa tomar algumas precauções. Com isso, faz nascer muita inveja, além de provocar inimizades e insídias de toda natureza. Aliás, sou de opinião que a arte do sofista é muito antiga, mas que os homens das outras eras que a praticavam, com medo dos percalços da profissão, recorriam a subterfúgios para escondê-la, valendo-se alguns, como Homero, Hesíodo e Simônides, da poesia; outros mais, como Orfeu e seus discípulos, dos mistérios e oráculos. Sim, alguns, conforme observei,

e serviram-se até mesmo da arte da ginástica, tal como o tarentino Icos, e também esse sofista ainda vivo, que não cede a palma a nenhum outro, Heródico, o selembriano, primitivamente de Mégara. A música serviu de pretexto para Agátocles, sofista eminentíssimo; assim como Pitóclides, de Ceos, e para muitos outros. Todos eles, como disse, usavam as respectivas artes à guisa de capa,

317 a para os resguardarem da inveja. Eu, porém, não compartilho o modo de pensar deles todos, por estar convencido de que não conseguiram realizar o que pretendiam, pois os homens que nas cidades detêm as rédeas do governo não se deixaram iludir com respeito à finalidade de semelhante prática. Quanto ao vulgo, por assim dizer, não percebia nada; limitava-se a elogiar tudo o que eles diziam. Pretender esconder-se, sem o conseguir, e ser surpreendido pelos homens, a simples tentativa já é

b rematada loucura, que só pode suscitar maior

animosidade contra eles mesmos, pois, além de já serem vistos com maus olhos, fazem por merecer a pecha de velhacaria. Eis a razão de eu tomar caminho diferente: declaro sem ambages que sou sofista e instruo os homens, convencido de que essa precaução é melhor do que a deles e que mais vale confessar do que negar. Aliás, não deixo de tomar outras medidas, que, com a precedente e a ajuda de Deus, me põem a coberto de incômodos, pelo fato de apresentar-me como sofista. E

c note-se: há muito tempo exerço essa profissão, pois a soma dos meus anos já vai alta; entre os presentes não há um só de que eu, com a idade que tenho, não pudesse ser pai. Por isso nada me poderia ser mais agradável, caso concordeis, do que falardes na presença de quantos se acham aí dentro.

Percebi que ele desejava mostrar-se e vangloriar-se a Pródico e a Hípias de o termos procurado na qualidade de admiradores dele. Daí ter-lhe eu dito: – E por que não chamarmos, também, Pródico e Hípias, juntamente com seus acompanhantes, para que nos escutem?

– Perfeitamente, disse Protágoras.

– Não preferiríeis, falou Cálias, que vos preparássemos assentos para conversardes sentados?

A sugestão foi aceita e, exultantes à só idéia de ouvir aqueles sábios falarem, nós mesmos carregamos os bancos e os leitos e os dispusemos perto de Hípias, onde já havia outros bancos. Nesse em meio, vieram também Crítias e Alcibiades, conduzindo Pródico, que eles conseguiram tirar do leito, e os que se encontravam com Pródico.

IX – Depois de todos nos termos sentado, começou Protágoras: – Repete agora, Sócrates, aos presentes o que há pouco me disseste a respeito deste moço.

318 a Respondi-lhe: – Começarei, Protágoras, como antes, expondo o objeto de nossa visita. Hipócrates, aqui presente, deseja muito tomar aulas contigo, e diz que de

bom grado ficaria sabendo as vantagens que lhe adviriam de tua companhia. Cifra-se nisso nosso discurso.

Tomando a palavra, falou Protágoras: – Jovem, no caso de freqüentares minhas aulas, desde o primeiro dia de conversação retornarás para casa melhor do que eras, o mesmo acontecendo no dia seguinte e nos subseqüentes, acentuando-se cada dia mais o teu progresso.

b Ouvindo-o falar dessa maneira, retruquei-lhe: – Não disseste nada extraordinário, Protágoras; ao contrário: é muito natural, pois tu mesmo, apesar de tão idoso e de tão sábio, te tornarias melhor se alguém te ensinasse o que ignoras. Porém não é isso o que desejamos saber. Vou dar-te um exemplo: se Hipócrates mudasse repentinamente de idéia e revelasse o desejo de freqüentar a companhia desse moço que se estabeleceu recentemente entre nós, Zeuxipo, de Heracléia, e indo

c procurá-lo, como faz agora contigo, ouvisse o que acabou de escutar de tua boca, que em cada dia passado em sua companhia ele se tornaria melhor e faria progressos, e por fim lhe perguntasse: Em que dizes que me tornarei melhor e farei progresso? Sem dúvida Zeuxipo lhe responderia que era na arte da pintura. E no caso de procurar Ortágoras, o tebano, e dele ouvisse o mesmo que lhe disseste, e, depois, lhe perguntasse em que ele ficaria cada dia melhor em sua companhia, Ortágoras lhe responderia que era na arte de tocar flauta. O mesmo

d debes responder a este jovem e a mim, que te falo em seu nome: Hipócrates aqui presente, desde o primeiro dia de sua convivência com Protágoras, voltará melhor para casa, e em cada dia que passar fará maior progresso... em que, Protágoras, e a respeito de quê?

Depois de eu ter falado, me respondeu Protágoras: – Sabes formular questões, Sócrates, e eu sinto especial prazer em responder aos que bem perguntam. Na minha companhia, Hipócrates não terá de suportar as maçadas a que ficaria sujeito se viesse a freqüentar outro sofista.

e Os demais sofistas abusam dos moços; quando estes já se julgam livres do estudo das artes, a seu mau grado os sofistas os reconduzem para elas, ensinando-lhes cálculo, astronomia, geometria e música – assim falando, lançou um olhar para Hípias –; vindo ele, porém, estudar comigo, não se ocupará senão com o que se propusera a estudar, quando resolveu procurar-me. Essa disciplina é a prudência nas suas relações familiares, que o porá em

319 a condições de administrar do melhor modo sua própria casa e, nos negócios da cidade, o deixará mais do que apto para dirigi-los e para discorrer sobre eles.

– Será que apanhei bem o sentido do que disseste? perguntei; quero crer que te referes à arte da política e que prometes formar bons cidadãos.

– Nisso mesmo, Sócrates, respondeu, é que a minha profissão consiste.

X – Possuis uma nobre arte, sem dúvida, obtemperei, se é que a possuis. Só direi o que penso. Sou de parecer, Protágoras, que isso não pode ser ensinado; visto, porém, que o afirmas, não sei como deixar de acreditar-te. Porém será de elementar justiça dizer-te que essa arte não pode ser ensinada por ninguém nem transmitida de uma pessoa para outra. Nisto estou de acordo com os demais helenos: em considerar sábios os atenienses. No entanto, verifico que quando nos reunimos em assembléias, por precisar a cidade deliberar sobre assunto de construção, mandam chamar arquitetos para opinarem a respeito do edifício a ser levantado; se se trata de construção de navios, recorrem a carpinteiros náuticos, e assim com tudo o mais que eles julgam poder ser ensinado ou aprendido. Porém se qualquer outra pessoa, que eles não consideram profissional, se abalançar a dar conselhos, por mais belo que seja, ou rico, ou de boa família, não somente não lhe dão ouvidos, como se riem dele e o pateiam, até que, atemorizado com a assuada, desista de falar ou que os arqueiros o retirem

d do recinto, por mandado dos prítanes. É assim que eles se comportam, sempre que se trata de questões técnicas.

d Quando, porém, a deliberação diz respeito à administração da cidade, qualquer indivíduo pode levantar-se para emitir opinião, quer seja carpinteiro, quer seja ferreiro, sapateiro, mercador ou marinheiro, rico ou pobre, nobre ou vil, indiferentemente, sem que ninguém apresente objeção, como nos casos anteriores, por pretenderem dar conselhos sem haverem estudado em parte alguma essa matéria, nem poderem declarar os professores com quem a tivessem aprendido, prova evidente de que não consideram que a política possa ser ensinada. E não é somente nas reuniões públicas que eles procedem desse modo; na vida privada, também, nossos melhores e mais sábios cidadãos são incapazes de transmitir a alguém a virtude que lhes é própria. Péricles, por exemplo, pai destes dois moços, deu-lhes ótimos professores de tudo o que pode ser ensinado; mas, na matéria em que ele mesmo é sábio, não só não lhes dá lições, como não os confiou a nenhum professor para esse fim, deixando-os soltos, como animais sagrados, para pastarem livremente e ver se, por acaso e impulso próprio, venham a deparar com a virtude. Se quiseres mais, temos o exemplo de Clínias, o irmão mais moço de Alcibiades aqui presente, de quem o próprio Péricles é tutor. Receando este que viesse Clínias a estragar-se com a convivência de Alcibiades, afastou-o dele e o entregou a Arifrone, para que este o educasse. Porém não eram decorridos seis meses, e Arifrone lho devolveu, por não saber o que fazer com ele. Poderia citar-te ainda muitos nomes de cidadãos prestimosos, que não deixaram ninguém melhor, nem entre os seus familiares, nem entre os estranhos. À vista de tais exemplos, Protágoras, é que eu considero que a virtude não pode ser ensinada. Mas depois que te ouvi afirmar o contrário, sinto-me vacilante em minhas convicções, por estar certo de que tua grande experiência é que te leva a essa conclusão, não só pelo

320 a

b

muito que aprendeste com outros, como pelo que descobriste por ti mesmo. Assim, caso te disponhas a demonstrar-nos que a virtude pode ser ensinada, não guardes só para ti esse conhecimento; revela-no-lo.

– É o que vou fazer, Sócrates, respondeu, de muito bom grado. Mas, que preferis: falar-vos eu como um velho que se dirige a jovens e contar-vos uma história, ou expor o assunto sob forma de dissertação?

Quase todos os presentes foram de opinião que ele o fizesse como bem entendesse. – Penso, disse ele, que será mais interessante desenvolver-vos um mito.

XI – Houve um tempo em que só havia deuses, sem que ainda existissem criaturas mortais. Quando chegou o momento determinado pelo Destino, para que estas fossem criadas, os deuses as plasmaram nas entranhas da terra, utilizando-se de uma mistura de ferro e de fogo, acrescida dos elementos que ao fogo e à terra se associam. Ao chegar o tempo certo de tirá-los para a luz, incumbiram Prometeu e Epimeteu de provê-los do necessário e de conferir-lhes as qualidades adequadas a cada um. Epimeteu, porém, pediu a Prometeu que deixasse a seu cargo a distribuição. Depois de concluída, disse ele, farás a revisão final. Tendo alcançado o seu assentimento, passou a executar o plano. Nessa tarefa, a alguns ele atribuiu força sem velocidade, dotando de velocidade os mais fracos; a outros deu armas; para os que deixara com natureza desarmada, imaginou diferentes meios de preservação: os que vestiu com pequeno corpo, dotou de asas, para fugirem, ou os proveu de algum refúgio subterrâneo; os corpulentos encontravam salvação nas próprias dimensões. Destarte agiu com todos, aplicando sempre o critério de compensação. Tomou essas precauções, para evitar que alguma espécie viesse a desaparecer. Depois de haver providenciado para que não se destruíssem reciprocamente, excogitou os meios de protegê-los contra

as estações de Zeus, dotando-os de pêlos abundantes e pele grossa, suficientes para defendê-los do frio ou adequados para tornar mais suportável o calor, ao mesmo tempo que servissem a cada um de cama natural, quando sentissem necessidade de deitar-se. Alguns dotou de cascos nos pés; outros, de garras, e outros, ainda, de peles calosas e desprovidas de sangue. De seguida, determinou para todos eles alimentos variados, de acordo com a constituição de cada um: a estes, erva do solo; a outros, frutos das árvores; a terceiros, raízes, e a alguns, ainda, até mesmo outros animais como alimento, limitando, porém, a capacidade de reprodução daqueles, ao mesmo tempo que deixava prolíficas suas vítimas, para assegurar a conservação da espécie. Como, porém, Epimeteu carecia de reflexão, despendeu, sem o perceber, todas as qualidades de que dispunha, e, tendo ficado sem ser beneficiada a geração dos homens, viu-se, por fim, sem saber o que fazer com ela. Encontrando-se nessa perplexidade, chegou Prometeu para inspecionar a divisão e verificou que os animais se achavam regularmente providos de tudo; somente o homem se encontrava nu, sem calçados, nem coberturas, nem armas, e isso quando estava iminente o dia determinado para que o homem fosse levado da terra para a luz. Não sabendo Prometeu que meio excogitasse para assegurar ao homem a salvação, roubou de Hefesto e de Atena a sabedoria das artes juntamente com o fogo – pois, sem o fogo, além de inúteis as artes, seria impossível o seu aprendizado – e os deu ao homem. Assim, foi dotado o homem com o conhecimento necessário para a vida; mas ficou sem possuir a sabedoria política; esta se encontrava com Zeus, e a Prometeu não era permitido penetrar na acrópole, a morada de Zeus, além de serem por demais terríveis as sentinelas de Zeus. Assim, a ocultas penetrou no compartimento comum em que Atena e Hefesto amavam exercitar suas artes, e roubou de Hefesto a arte de trabalhar com o fogo, e de Atena a que lhe é própria,

22 a e as deu aos homens. Desse modo, alcançou o homem condições favoráveis para viver. Quanto a Prometeu, consta que foi posteriormente castigado por esse furto, levado a cabo por culpa de Epimeteu.

- XII – Uma vez de posse desse lote divino, foi o homem, em virtude de sua afinidade com os deuses, o único dentre os animais a crer na existência deles, tendo logo passado a levantar altares e a fabricar imagens dos deuses. Não demorou, e começaram a coordenar os sons e as palavras, a engenhar casas, vestes, calçados e leitos, e a procurar na terra os alimentos. Providos desse modo, a princípio viviam os homens dispersos; não havia cidades;
- b por isso, eram dizimados pelos animais selvagens, dada a sua inferioridade em relação a estes; as artes mecânicas chegavam para assegurar-lhes os meios de subsistência, porém eram inoperantes na luta contra os animais, visto carecerem eles, ainda, da arte da política, da qual faz parte a arte militar. À vista disso, experimentaram reunir-se, fundando cidades, para poderem sobreviver. Mas, quando se juntavam, justamente por carecerem da arte política, causavam-se danos recíprocos, com o que voltavam a dispersar-se e a serem destruídos como antes.
- c Preocupado Zeus com o futuro de nossa geração, não viesse ela a desaparecer de todo, mandou que Hermes levasse aos homens o Pudor e a Justiça, como princípio ordenador das cidades e laço de aproximação entre os homens. Hermes, então, perguntou a Zeus de que modo deveria dar aos homens pudor e justiça: Distribuí-los-ei como foram distribuídas as artes? Estas foram distribuídas da seguinte maneira: um só homem com o conhecimento da medicina basta para muitos que a ignoram, verificando-se a mesma coisa com todas as
- d outras artes. Devo proceder desse modo com o pudor e a justiça, ou reparti-los entre todos os homens igualmente? Entre todos, disse-lhe Zeus, para que todos participem deles, pois as cidades não poderão subsistir,

se o pudor e a justiça forem privilégio de poucos, como se dá com as demais artes. E mais: estabelece em meu nome a seguinte lei: que todo homem incapaz de pudor e de justiça sofrerá a pena capital, por ser considerado flagelo da sociedade.

- Dessa maneira, Sócrates, e por tal motivo julgam todos, e também os atenienses, que quando se trata de problemas relativos à virtude da arte de construção, ou de qualquer outra profissão mecânica, somente poucos podem participar de suas deliberações, e se alguém, e
- 323 a estranho a esse pequeno número, se aventura a emitir opinião, não o toleram, como disseste, e, com razão, segundo penso. Quando, porém, vão deliberar sobre a virtude política, em que tudo se processa apenas em função da justiça e da temperança, é muito natural que admitam todos os cidadãos, por ser de necessidade que todos participem dessa virtude, sem a qual nenhuma cidade poderia subsistir. Essa é a razão, Sócrates, da diferença assinalada. E para que não penses que foste ludibriado por mim, quando disse que, de fato, todo o mundo está convencido de que os homens, sem exceção, participam da justiça e das demais virtudes políticas, ofereço-te a seguinte prova: em outros casos, como disseste, se alguém se apresenta como ótimo tocador de
- b flauta ou conhecedor de qualquer outra arte, sem que o seja, ou se riem dele ou se mostram revoltados, enquanto os seus familiares o chamam à ordem, por estar ele fora do juízo. Mas, no que respeita à justiça e às demais virtudes políticas, embora todos estejam cientes de que alguém cometeu alguma falta, no caso de querer essa pessoa depor em público contra si própria, a simples confissão da verdade, que nos outros casos seria considerada prova de sensatez, passa agora a ser indício de rematada loucura, por julgarem que todo o mundo tem obrigação de, pelo menos, declarar-se justo, quer o seja, quer não, sendo considerado prova de loucura não
- c procurar passar por justo. Porque, de um jeito ou de

outro, é preciso que todos participem dessa virtude, sob pena de ser excluído do convívio dos homens.

XIII – Penso haver demonstrado que eles têm razão em aceitar a opinião de qualquer pessoa, a respeito desta virtude, por acreditarem que todos dela participam; agora, que apesar disso não a consideram um dom natural, ou efeito do acaso, porém algo que pode ser adquirido pelo estudo e aplicação, por quantos chegam a alcançá-lo, é o que procurarei demonstrar. Com efeito, ninguém se zanga com quem apresenta algum defeito natural ou acidental, nem repreende, castiga ou procura corrigir o portador desse defeito, para que deixe de ser o que é, mas apenas se acomiseram dele. Com relação aos feios, aos de pequena estatura e aos valetudinários, quem seria tão insensato para proceder dessa maneira? É que todos sabem, quero crer, que em tais coisas, tanto com relação às boas qualidades como aos seus contrários, só influem nos homens a natureza ou o acaso. Mas, quanto aos bens que eles julgam só poder serem adquiridos pelo estudo, aplicação e exercício, se alguém não os possui, porém os vícios seus contrários, aí é que surge a indignação, as repreensões e os castigos, contando-se entre aqueles a injustiça, a impiedade e o conjunto do que se opõe às virtudes políticas. Neste passo, não há quem não se mostre indignado nem se alargue em repreensões, evidentemente, por acreditar que essa virtude se aprende por meio de estudo e aplicação. Se refletires um pouquinho, Sócrates, na força da expressão “Punir os culpados”, chegarás à conclusão de que os homens estão convencidos de que essa virtude pode ser ensinada. É certo que ninguém pune os autores de injustiças pela simples consideração ou motivo de haverem cometido injustiça, a menos que se comporte como animal irracional. Mas quem se dispõe a punir judiciosamente, não inflige o castigo por causa de falta cometida no passado – pois não poderá evitar que o que foi feito deixe

de estar feito – porém com vistas ao futuro, para que nem o culpado volte a delinquir, nem os que assistem ao castigo venham a cometer falta idêntica. Essa maneira de pensar implica a convicção de que a virtude pode ser ensinada. O castigo é aplicado para a coibição do crime: eis o modo de pensar de todas as pessoas que aplicam penalidades, tanto particularmente como em público. Todos os homens condenam e castigam os que eles consideram criminosos, os atenienses, teus concidadãos, tão bem como os demais. Assim, do que disseste se infere que os próprios atenienses são de parecer que a virtude pode ser adquirida e ensinada. Têm razão os teus concidadãos em admitir que ferreiros e sapateiros participem de suas reuniões para deliberarem sobre matéria política, e que considerem que a virtude pode ser adquirida e ensinada; é o que, Sócrates, se não me iludo, te foi cabalmente demonstrado.

XIV – Ainda remanesce uma dificuldade suscitada por ti, a respeito dos homens virtuosos, a saber: por que motivo os homens virtuosos ensinam a seus filhos tudo o que depende de professores e os deixam sábios nessas matérias, porém na virtude em que eles se distinguem não os deixam superiores a ninguém?

Sobre esse ponto, Sócrates, não te apresentarei uma história; prefiro expor. Reflete no seguinte: há ou não há uma coisa de que necessariamente devem participar todos os cidadãos, para que possa subsistir a cidade? A resposta a tal questão é que poderá resolver a dificuldade em que te enleias, ou nada mais o conseguirá. Se essa coisa existe, e se essa qualquer coisa não é nem a arte do arquiteto, nem a do ferreiro, nem a do oleiro, porém justiça, temperança, santidade, que numa só palavra eu designaria como Virtude; se é uma qualidade que todos devem possuir e com a qual terão necessariamente de ajeitar-se para fazerem o que quer que seja, ou desistir do intento; se quem não a possui, seja criança, ou seja

- homem e mulher adultos, terá de ser castigado, para que, com o castigo, se torne melhor, sendo expulso, por incurável, da cidade, ou condenado à morte o que resiste aos ensinamentos e ao castigo: se as coisas se passam desse modo, por sua própria natureza, e, apesar disso, os homens bons ensinam tudo a seus filhos, menos esse ponto, considera quão extraordinária deve ser a conduta de tais homens bons. Que eles estão convencidos de que tal virtude é capaz de ser ensinada, tanto particularmente como em público, já o demonstramos. E, convencidos de que pode ser ensinada e cultivada, mandariam ensinar aos filhos todas as disciplinas, cuja ignorância não implica a morte ou outra punição, e essa, justamente, que os expõe à pena de morte ou de exílio, por não a terem eles aprendido nem cultivado, e além da morte, à confiscação dos bens e, para dizer tudo numa só palavra: a ruína de toda a família, isso, dizia, eles não lhes mandariam ensinar com o maior empenho? Teremos de aceitar, Sócrates, que assim o fizeram.
- b
- c

- XV – Começando de pouquinho desde pequeno, enquanto vive é a criança instruída e educada nesse sentido. Desde que ela compreende o que se lhe diz, a mãe, a ama, o preceptor e o próprio pai conjugam esforços para que o menino se desenvolva da melhor maneira possível; toda palavra e todo ato lhes enseja oportunidade para ensinar-lhe o que é justo ou o que é injusto, o que é honesto e o que é vergonhoso, o que é santo e o que é ímpio, o que pode ou o que não pode ser feito. Se ele obedece, muito bem; caso contrário, como fazemos com as árvores inclinadas e contorcidas, são endireitados por meio de ameaças e de processos violentos. Depois, o enviam para a escola e recomendam aos professores que cuidem com mais rigor dos costumes do menino do que do aprendizado das letras e da cítara. É o que os professores fazem; e quando o aluno aprende a ler e começa a compreender o que está escrito, tal como faziam
- d
- e

- antes com os sons, dão-lhe em seu banquinho a ler as obras de bons poetas, que eles são obrigados a decorar, preches de preceitos morais, com muitas narrações em louvor e glória dos homens ilustres do passado, para que o menino venha a imitá-los por emulação e se esforce por parecer-se com eles. Do mesmo modo procedem os professores de cítara; envidam esforços para deixar temperantes os meninos e desviá-los da prática de ações más. Depois de haverem aprendido a tocar cítara, fazem-nos estudar as criações de outros grandes poetas, os líricos, a que dão acompanhamento de lira, trabalhando, desse modo, para que a alma dos meninos se aproprie dos ritmos e da harmonia, a fim de que fiquem mais brandos e, porque mais ritmados e harmônicos, se tornem igualmente aptos tanto para a palavra como para a ação. Pois em todo o seu decurso, a vida do homem necessita de cadência e harmonia. De seguida, entregam-nos os pais ao professor de ginástica, para que fiquem com o corpo em melhores condições de servir o espírito virtuoso, sem virem a ser forçados, por fraqueza de constituição, a revelar cobardia, tanto na guerra como em situações consemelhantes. Assim procedem os que mais podem, e podem mais os ricos, cujos filhos começam muito cedo a freqüentar a escola e são os últimos a deixá-la. Quando saem da escola, a cidade, por sua vez, os obriga a aprender leis e a tomá-las como paradigma de conduta, para que não se deixem levar pela fantasia a praticar qualquer malfeitoria. Da mesma forma que procede o professor primário com os alunos que ainda não sabem escrever, traçando com seu estilete as letras e depois pondo-lhes nas mãos a tábula, e os obriga a escrever de acordo com o modelo apresentado: assim também prescreve leis a cidade, inventadas por antigos e virtuosos legisladores, exigindo que governem e sejam governados por elas. Quem delas se aparta é castigado, castigo esse que, tanto entre vós como em muitos outros lugares, se denomina correção, por ser a finalidade precípua do
- 326 a
- b
- c
- d
- e

castigo corrigir. Ora, havendo tanto cuidado com a virtude, assim particularmente como em público, ainda te admiras, Sócrates, ou duvidas de que ela possa ser ensinada? O que fora de admirar é que não pudesse sê-lo.

- 327 a XVI – Qual é a razão de degenerarem muitos filhos de pais excelentes? Aprende também isso. Não é nada de admirar, se está certo o que eu disse há pouco: que este assunto, a saber, a virtude, para que a cidade subsista, não deve ser privativo de ninguém. Se as coisas se passam desse modo – como rigorosamente acontece – examina o problema com relação à profissão ou conhecimento que bem te parecer. Se para que a cidade pudesse subsistir fosse necessário que todos soubéssemos tocar flauta, dentro da capacidade de cada um, e tanto em casa como em público uns ensinassem aos outros a tocar flauta e infligissem castigo aos que não conseguissem tocar bem, sem que ninguém se furtasse de ensinar o que sabe, tal como procedemos com relação ao conhecimento das leis e da justiça, sem fazer mistério do que sabe, como se dá com o ensino de outras artes – pois a todos nós, quero crer, aproveita a justiça e a virtude dos demais – razão de dizer e ensinar de bom grado aos outros toda a gente o que é justo e legal... Como dizia, se mostrássemos igual empenho e franqueza no ensino generalizado da arte de tocar flauta, és de parecer, Sócrates, me falou, que os filhos dos bons flautistas se tornariam melhores tocadores do que os filhos dos maus? Penso que não; o menino de mais jeito para flauta, fosse quem fosse o pai, é que se tornaria proeminente, ficando obscuros os destituídos dessa capacidade, e muitas vezes o filho de um bom tocador de flauta viria a ser flautista medíocre, e vice-versa, o filho de um mau tocador, executor de mérito. De qualquer forma, todos saberiam tocar flauta, em comparação com os ignorantes, que nada entendem dessa arte. O mesmo se dá no presente caso: o indivíduo que se te afigure o mais injusto de quantos se criaram no
- b
- c

- d convívio de homens submetidos à lei, é justo e conhecedor dessa matéria, quando comparado com pessoas que não tiveram nem educação, nem tribunais, nem leis, nem qualquer outro fator de natureza compulsória, que os obrigasse a cultivar as virtudes, uma espécie de selvagem como os que no ano passado o poeta Ferécates fez representar no Leneu. É certeza: se fosses parar no meio de gente desse tipo, como aconteceu com os misantropos do coro daquela peça, dar-te-ias por muito feliz se te encontrasses com um Euríbato ou um Frinondas, e suspiraras de saudades das velhacadas dos
- e nossos homens. Só te mostras agora tão exigente, Sócrates, porque todo o mundo é professor de virtude, na medida de suas forças; por isso imaginas que não há
- 328 a professores. Do mesmo modo, se perguntasses onde estão os professores de língua grega, não encontrarias um só; digo mais: se procurasses quem pudesse ensinar aos filhos dos nossos artesãos a arte que seus próprios pais já lhes ensinaram, na medida em que eles e seus companheiros de ofício eram capazes de fazê-lo, um professor nessas condições, Sócrates, que os levasse mais longe, não se
- b me afigura muito fácil de encontrar. Ensinar os ignorantes é facilímo, não só virtude como tudo o mais. Por isso, devemos alegrar-nos quando aparece alguém de capacidade para fazer-nos avançar, por pouco que seja, no caminho da virtude. Tenho-me na conta de um desses, superior aos demais homens no conhecimento daquilo que os pode deixar melhores e mais honestos, e me julgo, sem dúvida, merecedor de receber o pagamento estipulado, senão maior ainda, conforme os próprios alunos o declaram. Por isso, estabeleci a seguinte modalidade de pagamento: depois de haver alguém tomado lições comigo, se estiver satisfeito, paga-me a
- c quantia combinada; caso contrário, entre num templo e ali declare sob juramento quanto acha que valem os conhecimentos adquiridos comigo, e deposite essa quantia. Aí tens, Sócrates, a fábula e os motivos por mim

d desenvolvidos, para demonstrar-te que a virtude pode ser ensinada, maneira de pensar que também compartilham os atenienses, não sendo, assim, de admirar que de pais excelentes nasçam filhos mediocres, e de mediocres, excelentes. Os filhos de Policleto, da mesma idade de Páralo e Xantipo aqui presentes, nada são em comparação com o pai, o mesmo acontecendo com os filhos de outros artistas. Quanto a estes dois, é cedo demais para julgá-los; ainda podemos esperar muito de ambos: são moços.

XVII – Depois de haver desenvolvido tão longa e excelente peça oratória, Protágoras calou-se; e eu, durante muito tempo, ainda sob o influxo de sua oração, continuei com os olhos fixos no seu vulto, como se ele fosse continuar, a tal ponto desejava ouvi-lo. Mas, ao perceber que, de fato, havia terminado, não sem dificuldade consegui restabelecer-me e, virando-me para Hipócrates, lhe falei: – Ó filho de Apolodoro, como te sou agradecido por me teres convidado para vir aqui!

e Daria tudo para ouvir o que acabei de ouvir de Protágoras. Até este momento, eu estava certo de que não dependia do esforço humano deixar bons os homens. Agora convenci-me do contrário. Remanesce, porém, uma pequena dificuldade, que Protágoras decerto irá resolver facilmente, após haver percorrido sobre tanta coisa com tamanha proficiência. Se alguém consultasse sobre este assunto algum dos nossos oradores políticos, talvez ouvisse idêntico discurso da boca de Péricles ou da de qualquer outro dos mais facundos oradores. Todos eles, porém, no instante em que lhes apresentam qualquer objeção, comportam-se como livros: ficam sem saber o que responder e incapazes de formular a menor pergunta; e quando interpelados sobre uma particularidade mínima do discurso, fazem como o bronze percutido, que ressoa até que nele alguém encoste a mão: da mesma forma os nossos oradores, à menor pergunta que se lhes apresente,

329 a

- b alargam-se numa tirada de língua e meia. O nosso Protágoras, pelo contrário, é tão capaz de produzir discursos longos e belos, conforme o provou neste momento, como de responder por maneira concisa, quando interrogado, e de esperar pela resposta ou de recebê-la, no caso de ser ele quem pergunta, o de que muito pouca gente é capaz. Agora, Protágoras, para ter tudo, só me falta uma partezinha de nada, no caso de te dispores a responder-me. Dizes que a virtude pode ser ensinada; se há quem esteja em condições de convencer-me disso és tu. O que me deixou perplexo enquanto falavas, completa em minha alma esse pouquinho que ainda falta. Disseste que Zeus enviou aos homens a Justiça e o Pudor; por outro lado, em muitas passagens de tua exposição fizeste referência à justiça, à temperança, à santidade, como se tudo isso, em conjunto, não fosse senão uma única coisa: virtude. Explica-me isso agora com mais particularidades, se a virtude é, de fato, algo completo, vindo a ser partes dela a justiça, a temperança e a santidade, ou se todas essas qualidades, como disse há pouco, são apenas nomes diferentes de uma única unidade. É só isso que desejo saber.
- c
- d

XVIII – A essa pergunta, Sócrates, disse ele, é muito fácil responder. A virtude é um todo, e as qualidades a que te referiste são partes desse todo.

– Da mesma forma, perguntei, em que as partes do rosto são partes: a boca, o nariz, os olhos, as orelhas, ou como as partes do ouro, que não diferem umas das outras e do conjunto, a não ser pela grandeza e pequenez?

- e – São como as primeiras, Sócrates, é o que eu penso: como se relacionam com todo o rosto suas diferentes partes.

– E os homens, voltei a falar, uns recebem uma parte dessa virtude, e outros outra parte, ou será forçoso receber o conjunto quem receber uma das partes?

– De forma alguma, respondeu; pois há muitos homens corajosos que são devassos, como há homens justos que não são sábios.

330 a – Então, também são partes da virtude, perguntei, a sabedoria e a coragem?

– Sem a menor dúvida, retrucou; a sabedoria, até, é a parte mais importante.

– E cada uma dessas partes, interoguei, é diferente das demais?

– Sim.

– E possui cada uma delas propriedade peculiar, como acontece com as partes do rosto? Os olhos não são como as orelhas, nem têm as propriedades destas, como não são iguais entre si as demais partes, nem com relação às propriedades, nem com tudo o mais. Acontecerá o mesmo com as diferentes partes da virtude, não se assemelhando umas com as outras, nem em si mesmas, nem quanto às suas propriedades? Evidentemente deve ser assim; é o que se conclui do exemplo apresentado.

b

– Isso mesmo, Sócrates, é o que se dá.

Ao que lhe observei: – Sendo assim, nenhuma das outras partes da virtude é como o conhecimento, ou como a justiça, ou como a coragem, ou como a temperança, ou como a santidade?

– Não, disse ele.

– Ora bem, lhe respondi; examinemos juntos o que venha a ser cada uma dessas partes em separado.

c

Começemos pelo seguinte: a justiça é alguma coisa ou não é nada? A mim, pelo menos, parece-me que é alguma coisa. E a ti?

– A mim também, respondeu.

– E então? Se alguém me perguntasse e a ti: Protágoras e Sócrates, disse-me se essa coisa a que há pouco vos referistes, a justiça, é justa ou injusta, eu, de minha parte, responderia que é justa. E tu, qual seria o teu voto? Igual ao meu ou diferente?

– Igual, disse.

d

– A justiça, prossegui, é a mesma coisa que ser justo; é o que eu responderia a quem me interpelasse daquela forma. Não dirias o mesmo?

– Diria, respondeu.

– E se em seguida nos perguntasse essa pessoa: Não dizeis que há também santidade? responderíamos afirmativamente, quero crer.

– É certo, respondeu.

– E afirmais que essa santidade é alguma coisa? daríamos idêntica resposta, não é verdade?

Respondeu também que sim.

– Sois, portanto, de opinião que a coisa assim constituída é o mesmo que ser ímpio ou que ser santo? Nessa altura eu receberia mal a pergunta e lhe objetaria: Fala com mais senso, amigo! Nada poderia ser santo, se a

e

própria santidade não fosse santa. E tu, não lhe responderias dessa maneira?

– Perfeitamente, disse.

XIX – E se em prosseguimento nos perguntasse essa pessoa: Que foi o que disseste há pouco? Ter-vos-ei ouvido bem? Se mal não me lembro, afirmastes que as partes da virtude se relacionam entre si, de forma que cada uma delas é diferente da outra. Eu, do meu lado, lhe diria: Não há dúvida que ouviste precisamente isso; o que não está certo é afirmares que eu fui o que disse; foi Protágoras quem respondeu nesse sentido; eu só fiz apresentar a questão. E no caso de ele perguntar: É verdade o que ele diz, Protágoras? Afirmas que as diferentes partes da virtude não se assemelham entre si? Foi isso o que disseste? que lhe responderias?

331 a

– Forçosamente, Sócrates, me falou, teria de concordar.

– E depois de semelhante concessão, Protágoras, que lhe responderíamos, se ele insistisse em perguntar: Logo, não sendo susceptível a santidade de ser justa, nem a

b justiça de ser santa, porém algo que não é santo, como seria a santidade algo que não é justo, é o mesmo que dizer que a santidade é injusta, e a justiça, ímpia. Que lhe responderíamos? De minha parte, pelo menos eu lhe diria que a justiça é santa e a santidade justa; e no que te diz respeito, também, se mo permitisses, lhe daria idêntica resposta, que a justiça é a mesma coisa que a santidade, ou algo muito semelhante, e que com toda a probabilidade a justiça se parece com a santidade e a santidade com a justiça. Vê agora se te oporias a que eu respondesse dessa forma, ou se compartilhas a minha maneira de pensar.

c – A meu ver, Sócrates, respondeu, a coisa não me parece tão simples, para que possamos conceder que a justiça é santa e a santidade, justa. Quero crer que entre as duas há uma certa diferença. Mas, que importa isso? continuou; se assim o quiseres, seja santa para nós a justiça e justa a santidade.

d – Isso não, lhe repliquei; não estou pedindo que discutamos na base de “se assim o quiseres”, ou de “se for do teu agrado”, porém apenas entre mim e ti. Quando digo eu e tu, é na convicção de que a proposição será mais bem fundamentada no caso de deixarmos o “se” de lado.

e – Está bem, disse ele; a justiça tem alguma semelhança com a santidade, porque, de um jeito ou de outro, uma coisa sempre se parece com outra; entre o preto e o branco há pontos de contato, assim como entre o duro e o mole e com todas as coisas que se nos afiguram opostas entre si. Até mesmo as partes de que há pouco falamos, como de propriedades específicas e que diferiam umas das outras, a saber, as partes do rosto, de um jeito ou de outro se aproximam e se parecem umas com as outras, de forma que poderias provar, se assim quisesses, que todas elas se assemelham entre si. Porém não é certo chamar semelhantes as coisas que apresentam alguma semelhança, nem dizer que são dessemelhantes as que

sob certos aspectos se distinguem, por menores que sejam os pontos de referência.

332 a Sem ocultar meu espanto, lhe falei: – Para ti, então, o justo e o santo se relacionam de tal modo, que só apresentam pequeno grau de semelhança?

– Não é bem isso, respondeu; mas também não é o que parece imaginar.

– Está bem, lhe disse; uma vez que tal assunto, ao que se me afigura, não te agrada, deixemo-lo de lado e examinemos outro ponto de tua exposição.

XX – Dás o nome de insensatez a alguma coisa?

Disse que sim.

– E essa coisa não é precisamente o oposto da sabedoria?

– É o que eu penso, respondeu.

– E quando os homens se conduzem com acerto e sobriedade, és de opinião que sejam temperantes quando procedem desse modo, ou o serão quando fazem o oposto a isso?

b – São temperantes, respondeu.

– É pela temperança que são temperantes, não é verdade?

– Necessariamente.

– E não é também certo que os que não se conduzem direito procedem loucamente, não sendo temperantes enquanto se comportam desse modo?

– É também o que penso, respondeu.

– Sendo assim, proceder insensatamente é o oposto do proceder com temperança?

Disse que sim.

– Logo, o que é feito insensatamente é feito pela insensatez, e o que o é com temperança é feito pela temperança?

Concordou.

– E não é certo que é feito fortemente o que é feito com força, e debilmente o que é feito com debilidade?

Foi de parecer que sim.

- E o que é velozmente feito é feito com rapidez, e o lentamente, com lentidão?

Disse que sim.

c - E quando é feito do mesmo modo é feito pelo mesmo princípio, e quando por maneira contrária, por princípio contrário?

Concordou.

- Muito bem, lhe disse; existe o belo?

Admitiu que sim.

- E haverá o que se lhe oponha, além do feio?

- Nada mais.

- E agora: existe o bem?

- Sem dúvida.

- E pôde haver alguma coisa que se lhe oponha, a não ser o mal?

Disse que não.

- E então? Não há na voz o que se denomina agudo?

Respondeu que sim.

- E que poderá ser contrário ao agudo, se não for o grave?

- Nada mais, respondeu.

- Cada contrário, portanto, só tem um contrário, não muitos.

Concordou.

d - Ora bem, lhe disse; recapitulemos tudo o que aceitamos até aqui. Admitimos que cada contrário só tem um contrário, não mais.

- Admitimos, disse.

- E que o que é feito de modo contrário é feito por princípio contrário?

Disse que sim.

- Admitimos, também, que o que é feito loucamente é feito por maneira contrária à do que é feito com temperança.

Confirmou.

- O que é feito com temperança é feito pela temperança, e o que é feito loucamente, pela loucura.

e Concordou.

- Logo, o que é feito de modo contrário, é feito por um princípio contrário, não é isso?

- Exato.

- Uma coisa é feita pela temperança e outra pela loucura?

- Sim.

- De maneira contrária?

- Perfeitamente.

- Então, por princípios contrários?

- Certo.

- Nesse caso, a loucura é o contrário da temperança?

- Parece.

- E não te recordas que há momentos concluímos que a loucura era o oposto da sabedoria?

- De fato, respondeu.

- E que cada contrário tem apenas um contrário?

Disse que sim.

333 a

- Então, Protágoras, qual das duas proposições será preciso rejeitar? A que reza: Cada contrário só tem um contrário, ou a que assevera ser diferente da temperança a sabedoria, e ambas, partes da virtude, e que não somente são diferentes em si mesmas, como em suas propriedades, tal como se dá com as partes do rosto? Qual das duas proposições será preciso rejeitar? Juntas, as duas não fazem boa música; não afinam nem se harmonizam. E como poderiam harmonizar, se é forçoso que cada contrário só tenha um contrário, não mais de um, enquanto a loucura, com ser uma só, se nos apresentou com dois contrários? Não é verdade, Protágoras, lhe perguntei; ou não é assim?

b

Concordou bastante contrafeito.

- Desse modo, viriam a ser a mesma coisa a sabedoria e a temperança? Há bocado a justiça e a santidade se nos revelaram como quase idênticas. Vamos,

- Protágoras, lhe disse; não desanimemos; prossigamos na análise até ao fim. És de parecer que o indivíduo injusto é temperante ao cometer injustiça?
- c – Ficaria envergonhado, Sócrates, respondeu, em admitir semelhante proposição, embora muita gente diga que sim.
- E a quem, então, devo dirigir-me: a eles ou a ti?
- Se for do teu agrado, disse, contesta primeiro a opinião da maioria.
- Para mim é a mesma coisa, respondi, uma vez que sejas tu quem respondes, quer penses desse modo, quer não penses. Meu objetivo é examinar a proposição, muito embora possa acontecer que tanto eu, que pergunto, como tu, que respondes, acabemos por ser examinados.
- d XXI – A princípio, Protágoras quis fazer-se de rogado, alegando que a proposição era muito ingrata; porém acabou consentindo em responder.
- Então vamos, lhe disse; responde-me do começo. És de opinião que haja pessoas temperantes no ato de cometer alguma injustiça?
- Pode haver, respondeu.
- E ser temperante, segundo o teu modo de ver, não é pensar bem?
- Disse que sim.
- E pensar bem, não é resolver-se pelo melhor, ao cometer uma injustiça?
- Que seja, respondeu.
- E de que modo se resolvem pelo melhor: quando são bem-sucedidos, ou quando se saem mal ao cometerem alguma injustiça?
- Quando são bem-sucedidos.
- Admites que haja coisas boas?
- Admito.
- E as coisas boas, lhe perguntei, são as que são úteis aos homens?

- e – Realmente, por Zeus, me falou, muito embora haja coisas boas que não aproveitam aos homens, mas que eu considero boas.
- Quis parecer-me que Protágoras se esforçava por encobrir certa irritação e que só muito a contragosto condescendia em responder. Vendo-o nesse estado, passei a expressar-me com mais cautela.
- 334 a – A que te referes, Protágoras, lhe perguntei: a coisas que não são úteis a ninguém, ou a coisas que não têm, de fato, nenhuma utilidade? E ainda assim dás o nome de boas a tais coisas?
- De forma alguma, respondeu; porém conheço muitas coisas que nada aproveitam aos homens, tais como alimentos, bebidas, remédios e um sem-número mais; outras, que lhes são proveitosas e outras, ainda, que nem os danam nem lhes aproveitam, porém que são de vantagem para os cavalos; algumas só servem para os bois, não para os cães; outras não servem para os animais, só para as plantas, e com relação a estas, algumas beneficiam a raiz, mas prejudicam os ramos, como observamos com o estrume, que é de grande vantagem para todas as plantas quando colocado na raiz, porém prejudicial em extremo, se com ele cobrirmos os brotos e os ramos novos. O mesmo se dá com o azeite, nocivo em alto grau às plantas e muito prejudicial ao pêlo de todos os animais, com exceção do homem, pois tanto é bom para revigorar o cabelo como para as demais partes do corpo. E tão variada e multiforme é a natureza do que é bom, que até mesmo no corpo do homem o azeite só é de vantagem quando aplicado externamente, sendo de ruins conseqüências no uso interno. Por isso mesmo proibem sempre os médicos aos doentes o uso do óleo na comida, a não ser em muito pequena quantidade, o estritamente necessário para neutralizar a impressão desagradável que nos deixa o cheiro de certos alimentos ou bebidas.
- b
- c

XXII – Ao terminar esse discurso, os presentes prorromperam numa salva de palmas, de aprovação à sua eloquência. Eu, porém, lhe disse: – Protágoras, sou um sujeito de memória muito fraca; se alguém me dirige

d um discurso longo, fico incapaz de acompanhar o assunto em debate. Como agora: se eu, porventura, fosse surdo, e tu quisesses conversar comigo, terias de convir que era preciso falar mais alto do que com outras pessoas. O mesmo se passa neste instante: como vieste encontrar um indivíduo esquecido, aperta um tanto tuas respostas e deixa-as mais curtas, caso queiras que te acompanhe.

– Como pretendes que deixe mais curtas minhas respostas, me falou; terei de encurtá-las mais do que for preciso?

e – De forma alguma, respondi.

– Apenas o suficiente?

– Sem dúvida, respondi.

– E a critério de quem ficará decidir sobre o tamanho das respostas, ao meu ou ao teu?

– Ouvi dizer, lhe falei, que tanto és capaz de discorrer sobre qualquer assunto com a amplitude que quiseres, sem que nunca venha a faltar-te o termo exato, como também com tão poucas palavras, que ninguém te poderia

335 a vencer em concisão, além de possuíres o dom de transmitir a outros esse talento. Por isso, se quiseres conversar comigo, escolhe a outra maneira de falar, a mais concisa.

– Sócrates, observou, já travei luta de palavras com muita gente; mas, se tivesse feito o que ora pedes, para falar de acordo com as exigências dos meus contraditores, jamais me teria avantajado sobre ninguém, nem seria conhecido entre os helenos o nome de Protágoras.

b Percebi que ele não estava satisfeito com as respostas dadas até então e que, se pudesse, se esquivaria à responsabilidade de ter de dialogar. Por isso, compreendendo que eu já não tinha justificativa

nenhuma para prolongar nossa conversa, falei-lhe desta forma: – Eu também, Protágoras, não quero ver nossa discussão conduzida por caminhos que não sejam do teu agrado; mas, quando te resolveres a conversar por maneira que eu possa acompanhar-te, estarei à tua disposição, visto seres capaz, conforme corre por aí a teu respeito e tu próprio o confirmas, de conduzir bem a discussão, tanto em períodos longos como com frases

c concisas; por isso mesmo és sábio. Eu, quanto a mim, sou absolutamente inepto para discursos desse tamanho. Quem me dera não ser assim! A ti, que és capaz das duas coisas, é que competiria acomodar-te ao meu jeito, para que a conversação pudesse prosseguir. Como, porém, não queres assim, e eu tenho um compromisso que não me permite continuar a ouvir os teus discursos longos – preciso ir a outro lugar – retiro-me, por mais que me fosse agradável ouvir-te discorrer sobre esse assunto.

d Assim dizendo, levantei-me para sair; porém, ao fazer menção de retirar-me, Cálías com a destra me pegou numa das mãos, enquanto com a esquerda me segurou pelo manto e disse: – Não permitiremos que saias, Sócrates; se fores embora, nossa conversação já não será a mesma; peço-te que fiques conosco; nada me causa tanto prazer como ouvir-te conversar com Protágoras. Faze-nos esse obséquio.

Respondi-lhe, de pé, como me achava, para partir:

e – Sempre me confessei, filho de Hipônico, grande admirador do teu amor à sabedoria, como presentemente o louvo e aplaudo. Por isso, de bom grado acederia ao que me pedes, se em mim estivesse realizá-lo. Se porventura insistisses comigo para eu disputar corrida com Crisão de Hímera, quando este se encontrava no auge de sua capacidade, ou para acompanhar de lado os

336 a passos de qualquer dos nossos corredores de longo curso, ou dos mensageiros diários, eu te responderia que, muito mais do que tu, desejaria poder medir-me com esses corredores, mas que não me é possível. Se fizeres

empenho de ver-me correr com Crisão, pede-lhe que acerte o passo comigo; eu sou incapaz de correr com velocidade, enquanto ele pode deslocar-se devagar. Por isso, caso desejes ouvir-me conversar com Protágoras, precisarás pedir-lhe que me responda como fazia antes, com frases curtas, e que no jeito em que eu lhe formular as perguntas deve ele responder. A não ser assim, que espécie de diálogo será o nosso? Eu, de mim, sempre fui de opinião que conversar em particular e pronunciar um discurso são coisas muito diferentes.

b

– Mas hás de concordar, Sócrates, objetou, que Protágoras tem razão em reclamar para si o direito de falar como bem entender, tal como se dá contigo.

XXIII – Nessa altura, Alcibíades tomou a palavra e disse: – Não tens razão, Cálias; Sócrates declara francamente que não possui o dom dos discursos longos e que nesse ponto Protágoras lhe é superior; mas, na maneira de sustentar uma conversação, de receber um argumento e de contestá-lo, muito me admirarei se neste particular ele ceder o passo a quem quer que seja. Portanto, se Protágoras confessar que é inferior a Sócrates na discussão, Sócrates se dará por satisfeito; porém, no caso de reclamar ele também para si essa superioridade, converse, então, no terreno de perguntas e respostas, sem alongar-se a cada pergunta com uma tirada de légua e meia, nem fuja da problemática apresentada e negue ao adversário o direito de falar, fazendo só ele uso da palavra, a ponto de chegarem muitos a esquecer-se da natureza do assunto em debate. Quanto a Sócrates, posso assegurar que não é esquecido, embora goste de brincar com dizer-se desmemoriado. Sou de parecer, assim, que a alegação de Sócrates é mais procedente, pois todos têm o direito de dar sua opinião.

c

d

Depois de Alcibíades, se não me falha a memória, falou Crítias o seguinte: – Pródico e Hípias, começou, quer parecer-me que Cálias está do lado de Protágoras;

e

quanto a Alcibíades, é sempre arrebatado em suas opiniões. Nós outros, porém, não devemos tomar nem o partido de Sócrates nem o de Protágoras, mas interceder junto de ambos para que não deixem em meio a discussão.

337 a

Depois de haver ele dito isso, falou Pródico: – Considero muito acertado, Crítias, o que disseste. As pessoas presentes a semelhantes discussões devem ouvir imparcialmente as duas partes, não, porém, de modo igual, o que não é a mesma coisa; ambos devem ser ouvidos com a mesma atenção, mas não podemos conceder aos dois igual interesse, porém maior ao que se revelar mais sábio, e menor ao de menor preparo. Eu também, Sócrates e Protágoras, peço que vos mostreis mais condescendentes; cada um poderá dissentir da opinião do outro, porém sem brigar. Entre amigos pode haver discussão com simpatia; só brigam adversários e inimigos. Desse modo, nossa reunião poderá prosseguir admiravelmente. Assim, vós outros, os oradores, recebereis, não direi elogios, mas aprovação de nós, ouvintes; a aprovação se processa sem impostura na alma dos presentes, ao passo que os elogios, por vezes, são apresentados com palavras que não exprimem o verdadeiro sentimento de quem as pronuncia. Seria essa a melhor maneira de nós, ouvintes, colhermos, não prazer, porém satisfação, pois satisfeito fica quem aprende alguma coisa e sai com a alma mais rica de sabedoria, ao passo que só sente prazer quem come ou recebe por intermédio do corpo qualquer sensação agradável.

b

c

d

XXIV – O discurso de Pródico foi aplaudido por boa parte dos presentes. Depois de Pródico falou Hípias, o sábio: – Senhores aqui reunidos, sou de opinião que todos nós somos parentes, amigos e concidadãos, não por força da lei, mas pela natureza; porque o semelhante é por natureza igual ao semelhante, ao passo que a lei, como tirana que é dos homens, violenta muitas vezes a

natureza. Seria, pois, vergonhoso para todos nós que conhecemos a natureza das coisas e somos os mais sábios dos helenos, e que, por isso mesmo, nos reunimos nesta cidade – o prítaneu da sabedoria helênica – e nos encontramos nesta casa, a maior e mais suntuosa da cidade, nada apresentarmos à altura dessa dignidade e nos limitarmos a brigar, como fazem pessoas menos qualificadas. Conjuro-vos, pois, e aconselho-vos, e

338 a Protágoras e Sócrates, a vos reconciliardes. Aceitai nossa mediação para transigirdes de parte a parte: não sejas tão exigente quanto à maneira de conduzir o diálogo, com admitires apenas a concisão levada ao extremo, se isso não for do agrado de Protágoras, mas afrouxa um tanto as rédeas ao discurso, para que este se torne mais solene e digno de vós mesmos; nem tu, Protágoras, do teu lado, soltes todas as velas ao vento favorável, até perderes a terra de vista no mar largo da eloquência. Não; mantende-vos num meio termo. Fazei o que vos digo e

b escolhei, no caso de aceitardes meu parecer, um juiz, ou presidente, ou prítane, que cuidará da justa medida de cada discurso.

XXV – Essa proposta foi recebida com aplausos unânimes, havendo Cálías declarado que não me deixaria sair, enquanto outros pediram que eu indicasse um presidente. Objetei que fora vergonhoso eleger um árbitro para os discursos: se a escolha recaísse em alguém inferior a nós dois, não ficaria bem impor a lei aos melhores o inferior; se fosse igual, haveria também inconveniente, pois esse igual procederia do mesmo modo que nós, tornando-se, assim, supérflua sua intervenção. Deveis, nesse caso, escolher alguém melhor do que nós. Mas, em verdade, sou de parecer que não é possível encontrar alguém mais sábio do que o nosso Protágoras. Se escolherdes quem não lhe seja superior, mas o apresentardes como tal, constituiria ofensa a Protágoras deixá-lo sob fiscalização, como se ele fosse

c

indivíduo carecente de valor, conquanto para mim me fosse aquilo indiferente. Contudo, para que nossa reunião não venha a dissolver-se e possa ir adiante o diálogo, conforme desejais, declaro-me disposto a proceder da seguinte maneira: se Protágoras não quiser responder, apresente as perguntas, que eu darei as respostas, esforçando-me, ao mesmo tempo, por mostrar-lhe como entendo que se deve responder quando perguntado. Depois de eu ter respondido a todas as perguntas que

d lhe aprouver apresentar, conceda-me também oportunidade de fazer com ele a mesma coisa, e eu, juntamente convosco, insistiremos com ele, como fizestes comigo, para que não estrague a reunião. Para isso não

e há necessidade de árbitro; vós todos sereis árbitros.

A proposta obteve aprovação geral, e Protágoras, muito embora contrafeito, foi obrigado a prometer que me interrogaria e que depois de haver apresentado um suficiente número de perguntas, passaria, por sua vez, a dar respostas curtas.

XXVI – Começou a interrogar-me da seguinte maneira: – Sou de parecer, Sócrates, que, para qualquer pessoa, um dos pontos fundamentais da educação é o conhecimento a fundo da poesia, a saber, a capacidade de discernir nas obras dos poetas o que foi dito com acerto e o que não foi, bem como a de explicá-las e de saber fundamentar, quando interrogado, suas conclusões. Passarei agora a apresentar-te uma pergunta que se relaciona com o tema que eu e tu há pouco analisamos, a virtude, com a única diferença de que o transportaremos para a poesia. Diz algures Simônides a Escopas, filho de Creonte, da Tessália, que

339 a

b *Difícil é tornar-se alguém perfeito
Em verdade
De mãos e pés e espírito quadrado
E de vícios estreme.*

Conheces a poesia, ou precisarei recitá-la inteira?

– Não; não é preciso, lhe falei; conheço-a perfeitamente; por coincidência, estudei-a com bastante cuidado.

– Muito bem, respondeu; e como te parece tal poesia: bonita e certa, ou não?

– Muito bonita, respondi; e também certa.

– E continuarias a considerá-la bonita, se o poeta viesse a contradizer-se?

– Deixaria de sê-lo, respondi.

c – Examina-a com mais atenção, me disse.

– Mas, meu caro, já a examinei suficientemente!

– Então debes saber que mais adiante, noutra trecho da mesma composição, diz o poeta:

*Da sentença de Pítaco discordo,
Mas que seja de um sábio a afirmativa:
Mui difícil é ser alguém perfeito.*

Percebeste que é o mesmo homem que diz agora isto e também o que citei há pouco?

– Percebi, lhe falei.

– E és de parecer que isto concorda com aquilo?

– Parece-me que sim, respondi.

Mas no mesmo instante receei que a pergunta tivesse outro sentido: – E tu, não achas que concordam?

d – Como pode estar de acordo consigo mesmo quem formula as duas proposições: primeiro, asseverando que é difícil tornar-se alguém homem perfeito de verdade, para, pouco adiante, na mesma composição, esquecido do que afirmara, censurar Pítaco, que dissera o mesmo que ele, a saber, que é difícil ser homem de bem, e manifestar seu desacordo, muito embora Pítaco houvesse dito a mesma coisa que ele? Ora, se ele censura quem diz a mesma coisa que ele, é evidente que censura a si mesmo, demonstrando, desse modo, que uma das duas proposições está errada.

e Esse discurso arrancou estrondosos aplausos de grande parte dos ouvintes. De início, comportei-me como quem é atingido por hábil boxeador: enquanto ele assim falava e os outros faziam barulho com suas aclamações, senti-me atordoado e com a vista turva. Depois – para ser franco, somente para ganhar tempo e apanhar bem o pensamento do poeta – me virei para Pródico e lhe falei:

340 a – Pródico, lhe disse, Simônides é teu compatriota; tens obrigação de defender o homem. Vou chamar-te em meu auxílio, quero crer, como do Escamandro conta Homero, que, assediado por Aquiles, apelou para a ajuda do simoente e lhe diz: Vamos, irmão predileto, reunidas as forças, a esse homem, já, contrapor-nos. Da mesma forma apelo para ti, de medo que Protágoras jogue por terra o nosso Simônides. Chegou o momento de reabilitares Simônides com tua arte, que te permite distinguir entre o querer e o desejar, como sendo diferentes, e que há pouco te possibilitou dizeres tantas e tão belas coisas. Aplica-a neste passo e dize-me se pensas como eu, pois sou de parecer que Simônides não se contradiz. Revela-nos, agora, Pródico, tua maneira de pensar: julgas que sejam a mesma coisa ser e tornar-se, ou coisas diferentes?

– Diferentes, por Zeus, respondeu Pródico.

b – Não te parece, perguntei, que no primeiro trecho Simônides revelou sua maneira de pensar, que é difícil tornar-se alguém homem de bem?

c – Tens razão, respondeu Pródico.

– E depois, quando censura Pítaco, prossegui, não é, como afirmou Protágoras, por haver dito a mesma coisa, porém algo diferente. Pítaco não diz, como Simônides, que é difícil chegar a ser homem de bem, porém ser homem de bem. Ora, Protágoras, como diz o nosso Pródico, tornar-se e ser não é a mesma coisa; se tornar-se não significa o mesmo que ser, Simônides não caiu em contradição consigo mesmo. Decerto Pródico poderia dizer como muitos outros, citando Hesíodo, que é difícil tornar-se homem de bem, pois diante da virtude

os deuses colocaram o suor; porém se alguém chega a atingir o cume, fácil é conservar o que foi difícil conseguir.

XXVII – Ouvindo essas palavras, Pródico manifestou o seu assentimento. Protágoras, porém, objetou: – Tua emenda, Sócrates, contém mais erros do que o texto primitivo.

e – Nesse caso, Protágoras, lhe falei, só fiz piorar a situação e me revelei médico risível: pretendendo curar, contribuí para agravar a doença.

– Foi isso mesmo, respondeu.

– Como assim? perguntei.

– Muito grande teria sido a ignorância do poeta, disse, no caso de considerar coisa fácil a aquisição da virtude, quando no consenso dos homens é o que há de mais difícil.

– Por Zeus, lhe respondi; foi sorte estar Pródico presente à nossa discussão, pois é bem possível, Protágoras, que a ciência de Pródico seja divina e muito antiga; vem do tempo de Simônides, se não for ainda mais velha. Mas estou vendo que, apesar de conheceres tantas coisas, ignoras essa ciência; não és como eu, que a conheço bem, na qualidade de discípulo de Pródico. No presente caso, quer parecer-me que não percebeste que a expressão “difícil” talvez não tenha sido empregada por Simônides no mesmo sentido em que a empregas, porém no sentido em que Pródico me censura a respeito da expressão “terrível”, sempre que, para elogiar-te ou outra qualquer pessoa, digo que Protágoras é um homem sábio e terrível. Pergunta-me se eu não me envergonho de dar o nome de terrível ao que é bom. O que é terrível, diz ele, é mau. Com efeito, ninguém diz terrível riqueza, porém terrível doença ou terrível guerra ou terrível pobreza, visto ser mau tudo o que é terrível. É possível que Simônides e os naturais de Ceos designassem pela expressão “difícil” o que é ruim, ou algo cujo sentido te escapa. Perguntemos a Pródico; justifica-se que

341 a

b

c

recorramos a ele para consultar sobre a linguagem de Simônides. Pródico, que entende Simônides por “difícil”?

– Ruim, respondeu.

– Por isso, Pródico, continuei, é que ele censura Pítaco, por afirmar que é difícil ser bom, como se houvesse ouvido dizer que era ruim ser virtuoso.

– E que mais, Sócrates, respondeu Pródico, pensas que Simônides houvesse dito, a não ser isso mesmo, além de criticar Pítaco por ignorar o sentido exato dos vocábulos, visto ser de Lesbos e haver crescido no meio de um linguajar bárbaro?

d – Estás ouvindo, Protágoras, lhe falei, o que Pródico acabou de declarar? Tens alguma objeção a fazer?

E Protágoras: – Estás redondamente enganado, Pródico; sei com segurança que Simônides empregou o vocábulo “difícil” no mesmo sentido em que o empregamos, não no de ruim, porém no de não ser fácil, do que só se obtém com muito esforço.

– Esse é também, Protágoras, o meu modo de pensar, lhe respondi, a respeito de Simônides, e Pródico o sabe muito bem; ele apenas quis brincar, para experimentar-te e ver se eras capaz de defender o teu ponto de vista. A melhor prova de que Simônides não emprega “difícil” no sentido mau, temo-la na frase que vem logo depois daquilo, que

e

Tal galardão a Deus apenas toca.

É evidente que ele não poderia afirmar que é ruim ser virtuoso, para acrescentar logo depois que somente um deus poderá sê-lo, e considerar isso apanágio exclusivo da divindade. Ou então Pródico se referiu a algum Simônides depravado, não ao cidadão de Ceos. Qual tivesse sido a verdadeira intenção de Simônides ao compor esse poema, desejo revelar-te, caso tenhas

342 a

interesse em verificar, segundo tuas próprias expressões, quanto sou forte em poesia. Ou, se o preferires, cedo-te a palavra.

Depois de ouvir minha proposta, Protágoras respondeu:

– Como quiseres, Sócrates.

Pródico e Hípias insistiram para que eu falasse, no que foram secundados pelos demais.

- XXVIII – Então, comecei, vou tentar dizer-vos o que penso dessa poesia. Entre os helenos foi cultivada a filosofia desde tempos imemoriais, e com mais carinho em Creta e na Lacedemônia, sendo nessas regiões mais numerosos os sofistas do que em qualquer outra parte. Eles, porém, negam que o sejam e fingem-se ignorantes, para que não se torne manifesto que ultrapassam os demais helenos em sabedoria, justamente como fazem os sofistas a que Protágoras se referiu; só querem parecer superiores na arte dos combates e pela coragem, por acreditarem que, se vier a tornar-se conhecido o segredo dessa superioridade, todo o mundo se aplicará ao estudo de sua sabedoria. Acontece, porém, que, escondendo o que sabem, induzem a erro os imitadores dos lacedemônios nas demais cidades, os quais, por simples macaqueação, se amassam reciprocamente as orelhas, só andam de cestos nas mãos, dedicam-se à ginástica e usam mantos curtos, convencidos de que foi por esses meios que os lacedemônios conseguiram dominar os helenos. Quando, porém, os lacedemônios sentem desejos de conversar livremente com os seus sofistas, enfarados de só praticá-los em segredo, promovem a expulsão em massa dos estrangeiros, não só dos laconizantes propriamente ditos, como dos demais peregrinos que por lá se encontrem, e praticam com eles a filosofia, sem que os estrangeiros percebam o que se passa. Por isso mesmo, não dão permissão aos jovens para visitar outras cidades, o que também fazem os cretenses, para que não venham

- a desaprender o que lhes ensinaram. Nessas duas cidades não são apenas os homens que se vangloriam de seus conhecimentos, mas também as mulheres. Para demonstrar-vos que é verdade o que eu disse, sobre serem dados os lacedemônios à filosofia e superiormente educados na arte da eloquência, chamo-vos a atenção para o seguinte: se alguém entabular conversação com o mais rude dos lacedemônios, de início há de julgá-lo inteiramente inepto; porém na primeira oportunidade, desfecha-lhe este uma frase preñe de significado, concisa e concentrada, no jeito de um perito arqueiro, o que faz parecer criança de pouco préstimo quem com ele conversava. Isso levou alguns modernos a concluírem, como já o haviam feito os antigos, que a educação lacedemônia tem base mais ampla no amor da sabedoria do que no dos exercícios físicos, certos de que a capacidade de enunciar sentenças desse tipo é característica de indivíduos de educação esmerada. Entre esses contam-se Tales, de Mileto; Pítaco, de Mitilene; Biante, de Priene; nosso Solão; Cleóbulo, de Lindos; Misão, de Queneu, e o lacedemônio Quilão, que é tido como o sétimo do grupo. Todos eles foram êmulos, entusiastas e adeptos da educação lacedemônia, sendo fácil a qualquer pessoa certificar-se de que a sabedoria deles era desse tipo, à vista das sentenças concisas e dignas de serem decoradas, atribuídas a cada um em particular. Reunidos de comum acordo, ofereceram a Apolo as primícias de sua sabedoria, fazendo gravar no templo de Delfos as máximas celebradas por toda a gente: “Conhece-te a ti mesmo”, e “Nada em excesso”. E por que refiro essa particularidade? Para mostrar a maneira de filosofar dos antigos: a concisão lacônica. Assim, correu mundo o dito de Pítaco, tão elogiado pelos sábios: É difícil ser virtuoso. Simônides, portanto, que aspirava à glória da sabedoria, compreendeu perfeitamente que se conseguisse derrubar esse provérbio, como se o fizesse com um atleta célebre, e o vencesse, alcançaria, de pronto,

grande fama entre seus contemporâneos. Foi, pois, pensando nessa máxima, quero crer, e com o propósito de derrubá-la que ele compôs aquela poesia.

- d XXIX – Concentremos as forças, para vermos se estou com a razão. Logo no começo da composição, pareceria contra-senso, querendo dizer Simônides apenas que é difícil tornar-se alguém homem de bem, inserisse aquela observação, “Em verdade”, o que parece ser um acréscimo destituído de fundamento, se não admitirmos que Simônides a lançou como em luta contra a sentença de Pítaco. Havendo Pítaco afirmado que é difícil ser bom, Simônides o refuta com dizer: Não, o que é difícil Pítaco, em verdade, é chegar alguém a ser virtuoso; a expressão “Em verdade” não se refere a virtuoso, como se entre os indivíduos virtuosos alguns o fossem de verdade, e outros fossem, de fato, virtuosos, porém não de verdade, o que viria a ser uma observação simplória e em tudo indigna de Simônides. Devemos admitir que na poesia houve hipérbato da expressão “Em verdade”, concebendo-se o texto de Pítaco como se o próprio Pítaco falasse e Simônides respondesse, dizendo aquele: É difícil, amigos, ser homem virtuoso; ao que o outro objetaria: Não falas com acerto, Pítaco; o difícil não é ser virtuoso, porém chegar alguém a ser virtuoso, quadrado de mãos, e pés, e espírito, e estreme de qualquer mancha; isso, em verdade, é que é difícil. Desse modo, fica justificada a expressão “Em verdade”, passando-se o “Em verdade” para o fim, como de direito. Tudo o mais que se segue vem provar que o sentido exato é esse. Fora possível descer a particularidades na análise do poema, para mostrar como é perfeito em sua composição, pois reúne a graça à precisão no acabamento, porém um estudo tão particularizado exigiria muito tempo. Prefiro, pois, cingir-me à apreciação de sua concepção geral e das intenções do poeta, para mostrar que do princípio ao fim do poema não faz ele outra coisa senão refutar a asserção de Pítaco.
- 344 a
- b

- XXX – Logo adiante, depois de ligeiras considerações, à guisa de argumentação, ele diz que em verdade é difícil tornar-se alguém virtuoso, mas que, afinal, isso é possível por algum tempo; porém, uma vez alcançado esse estado, perseverar na mesma disposição e ser permanentemente virtuoso, como afirmaste, Pítaco, é impossível e superior às forças humanas; só Deus tem tal privilégio, pois
- c

*Não pode o homem deixar de ser malvado,
Quando alguma desgraça o sobrepuja.*

- A quem pode sobrepujar uma desgraça no governo de algum barco? Não, evidentemente, ao ignorante, porque este sempre está por baixo. Do mesmo modo que não é possível derrubar quem está deitado, mas pode-se derrubar e forçar a deitar-se quem está de pé, nunca, porém, quem já está por terra: assim, também, poderá alguma calamidade, uma vez ou outra, abater o homem industrioso, porém nunca o carecente de recursos. A irrupção de uma tempestade violenta pode deixar desorientado o piloto, como fará com o lavrador uma estação má, e as mesmas condições com o médico. De fato, pode acontecer que o homem bom se torne ruim, como o testemunha outro poeta, quando diz:
- d

*Tornar-se mau pode o homem bom por vezes,
E vir a ser, depois, digno de encômios.*

- e Mas não é possível que o homem mau se torne mau, porque isso ele, necessariamente, é sempre. Assim, quando alguma desgraça desaba sobre o homem industrioso, sábio e bom, ele não pode deixar de tornar-se mau. Sustentas, Pítaco, que é difícil ser virtuoso; em verdade, porém, o que é difícil, ainda que possível, é tornar-se alguém virtuoso; ser virtuoso é que não é possível.

*No praticar o bem é bom todo homem;
Mau, quando faz o mal.*

- 345 a Qual é a prática do bem com relação às letras? Sua aprendizagem, evidentemente. E que espécie de ações boas faz de alguém um bom médico? Sem nenhuma dúvida, o conhecimento da arte de tratar os doentes. Mau, quando faz o mal. E agora, quem pode tornar-se mau médico? É evidente que a primeira condição para isso é ser médico; a segunda, ser bom médico, pois só esse é que pode tornar-se mau médico. Nós outros, que desconhecemos de todo a prática da medicina, por mais que nos comportemos mal, nunca chegaremos a ser médicos, nem carpinteiros, nem qualquer outro artífice
- b da mesma espécie. E quem não pode virar médico, só porque procede mal nesse terreno, é claro que também não poderá tornar-se mau médico. Do mesmo modo, o homem de bem pode modificar-se para pior, ou por efeito do tempo, ou do cansaço, ou de doença, ou por qualquer outro acidente, pois o verdadeiro mal é ver-se alguém privado do conhecimento. O homem mau, pelo contrário, não poderá tornar-se mau, pois isso ele é sempre; para tornar-se mau, fora preciso que antes ele tivesse sido bom. Assim, essa parte do poema, também,
- c tende a demonstrar que não é possível a um homem virtuoso ficar permanentemente nesse estado; virtuoso, porém, pode alguém tornar-se, vindo depois essa mesma pessoa a degenerar. Os amados dos deuses conservam-se virtuosos por mais tempo.

XXXI – Tudo isso é dito contra Pítaco, o que se torna mais evidente, ainda, no seguimento do poema, pois nele se diz:

*Jamais me aplicarei no que impossível
É de encontrar, nem a porção do tempo
Que me couber esbanjarei na fútil*

*Esperança de achar alguém perfeito
Entre quantos dos frutos nos nutrimos
Da muito extensa terra.
Vindo a encontrá-lo, dar-vos-ei notícia.*

- d É com essa violência em todo o decurso do poema que ele combate o dito de Pítaco:

*Quem ato vergonhoso não pratica
Voluntariamente
Sei amar e aplaudir. Os próprios deuses
Contra a Necessidade não se insurgem.*

- Isso também vai dirigido contra aquela assertiva. Ora, Simônides não era tão falho de instrução, para dizer que aplaudia quem não comete voluntariamente ato vergonhoso, como se houvesse alguém que, por própria deliberação, praticasse o mal. Eu, pelo menos, estou convencido de que nenhum dos sábios era de opinião que pode haver homem capaz de errar ou de praticar deliberadamente qualquer ato mau ou vergonhoso, sabendo todos muito bem que as pessoas que cometem ação má ou vergonhosa, involuntariamente o fazem. É o caso de Simônides: não diz, em absoluto, que louva quem não comete voluntariamente uma ação má; a expressão
- 346 a “Voluntariamente” refere-se a ele mesmo. Era de opinião que o homem de bem muitas vezes se vê obrigado a elogiar alguém e a dar-lhe provas de amizade, como no caso, por exemplo, muito freqüente, de ter alguém pai ou mãe nada amoráveis, ou a pátria, ou qualquer outra relação do mesmo gênero. Nessa situação, os indivíduos de mau caráter olham com uma espécie de alegria os defeitos dos pais ou da pátria, e os denunciam abertamente com censuras, para não serem acoimados de negligentes pelos homens e para ficarem a coberto da crítica de se descuidarem deles, chegando a ponto de se excederem em suas queixas, para aumentar a
- b

malquerença em que necessariamente aqueles incorrem. Os bons, pelo contrário, procuram encobrir esses defeitos, chegando, até, a forçar o elogio, e se porventura se encolerizam com os pais ou com a pátria por alguma injustiça que lhes houvessem feito, sabem de pronto dominar-se e se reconciliam com eles, impondo-se a si mesmos amar e elogiar o seu próprio sangue. Muitas vezes, quero crer, imaginou Simônides que elogiara algum tirano ou personagem do mesmo tipo, não por livre deliberação, porém obrigado. Por isso diz ele a Pítaco:

- c Não te censuro, Pítaco, pelo simples gosto de repreender, pois

*Satisfaz-me não ser alguém maldoso
Nem remisso demais; conhecedor
Se mostre da Justiça – guardadora
Das cidades – de espírito sadio.
Não lhe farei censuras.
De criticar não gosto.
A geração dos tolos é infinita.*

De forma que se alguém se compraz em censurar, pode vituperá-los à vontade.

Belo é tudo o que estreme é de feiúra.

- d Não avança semelhante proposição, como se dissesse que branco é tudo o que se mostra estreme de preto, o que seria risível sob mais de um aspecto; o que ele quer dar a entender é que, para não criticar, contenta-se com um meio-termo. Não procuro, diz ele, alguém perfeito entre quantos dos frutos nos nutrimos da muito extensa terra. Vindo a encontrá-lo, dar-vos-ei notícia. Nesse sentido, não louvarei ninguém; satisfaço-me com quem se mantém num meio-termo e não faz mal algum. Por isso, amo e louvo a todos. Nessa altura, ele se serve do dialeto de Mitilene, como se dissesse expressamente a Pítaco: Sei
- e

347 a amar e aplaudir voluntariamente quem quer que não pratique ato vergonhoso – e aqui convém fazer ressaltar a expressão “voluntariamente” – ao passo que é a contragosto que amo e elogio certas pessoas. E eu nunca, Pítaco, te houvera censurado, se tivesses revelado equilíbrio nas proposições justas e verdadeiras que avançaste. Tu, porém, proferes os maiores absurdos, convencido de só falares verdade. É por isso que te censuro.

XXXII – A meu ver, Pródico e Protágoras, lhes disse, era esse o objetivo de Simônides, quando compôs o seu poema.

- b Ao que Hípias retrucou : – Sou de parecer, Sócrates, que fizeste uma belíssima interpretação do poema; eu também poderei dizer a esse respeito uma palavra de valor, e desenvolvê-la, se for do vosso agrado.

– Sim, disse Alcibíades, porém não agora, Hípias. No momento, o que importa é cumprirmos Protágoras e Sócrates o que combinaram; Protágoras fará as perguntas, se estiver de acordo, e Sócrates responderá; porém se preferir responder a Sócrates, este formulará as perguntas.

- c A isso eu me manifestei, dizendo: – Deixo a Protágoras a escolha do que for mais do seu agrado. Mas, no caso de concordar comigo, ponhamos de lado poemas e canções. Folgaria, Protágoras, de continuar a examinar contigo o assunto sobre que no começo te interroguei. A meu ver, essas conversas sobre poesia são muito parecidas com os banquetes de gente vulgar e sem instrução; incapazes de se distraírem à mesa, dada a rusticidade que lhes é peculiar, com a própria voz ou discursos alternados, fazem subir o preço das flautistas, alugam caro a voz estranha das flautas e distraem-se com ela. Mas nos banquetes de gente fina e educada não encontra nem tocadoras de flautas, nem dançarinas,
- d

nem harpistas; bastando-se os convivas a si próprios, dispensam essas futilidades e brincadeiras e se distraem por meio da voz natural, cada um falando ou ouvindo por seu turno, com muita ordem, ainda mesmo que cheguem a beber bastante. Assim também reuniões como esta, quando compostas de pessoas como muitos dos presentes declaram ser, dispensam perfeitamente vozes estranhas ou poetas, que não podem ser interpelados a respeito do que dizem, de forma que, dos interlocutores que os citam, uns lhes atribuem tal pensamento, e outros coisa muito diferente, sem nunca chegarem a uma conclusão unânime acerca do assunto em discussão. Essa modalidade de diversão eles dispensam e se distraem só com os próprios recursos, cada um experimentando na conversação as forças dos demais. Essa gente, no meu modo de ver, é que de preferência eu e tu devemos imitar; deixando de lado os poetas, conversemos só entre nós mesmos, para pormos à prova a verdade e o nosso próprio engenho. Se desejas apresentar-me outras perguntas, declaro-me pronto para responder a elas; caso prefiras, ficarás à minha disposição, para podermos chegar ao fim do argumento interrompido.

Apesar dessas minhas palavras e outras do mesmo estilo, Protágoras não se manifestava sobre o que pretendia fazer. Virando-se, então, para Cálías, disse Alcibíades: – Então, Cálías, ainda és de parecer que Protágoras procede bem, recusando-se a declarar abertamente se prefere ou não responder? Acho que não. Ele deveria prosseguir na discussão ou declarar sem rodeios que se recusa a isso, para ficarmos conhecendo suas alegações e poder Sócrates conversar com outra pessoa ou com algum dos presentes, à vontade.

Nessa altura, Protágoras, envergonhado, como se me afigurou, com as palavras de Alcibíades e a insistência de Cálías e de quase todos os circunstantes, decidiu-se,

não sem algum trabalho, pelo reatamento da discussão, declarando que eu poderia interrogá-lo e que ele passaria a responder.

XXXIII – Assim, lhe disse: – Não penses, Protágoras, que ao discutir contigo move-me outro intuito que não seja o de esclarecer certos problemas que presentemente me suscitam dúvidas. Sou de opinião que Homero tinha toda a razão, ao dizer:

Quando são dois, se um não vê, o outro logo percebe o caminho.

Pois desse modo ficamos os homens muito mais bem aparelhados para qualquer ato, palavra ou pensamento. Quando a um, apenas, ocorre qualquer observação, sai à procura de alguém a quem possa comunicá-la, até vê-la confirmada. Por isso mesmo, tenho mais satisfação em conversar contigo do que com qualquer outra pessoa, convencido, como estou, de que és o homem mais competente para analisar os problemas com que se preocupam as pessoas de bem, máxime a respeito da virtude. Quem mais, senão tu mesmo? Pois não somente te consideras homem de bem e cavalheiro, como outras pessoas, que são, de fato, corretas, mas não possuem a capacidade de fazer que os outros se tornem bons, ao passo que tu não somente és virtuoso, como podes deixar virtuosas outras pessoas. E tão grande é a confiança que tens em ti mesmo, que, enquanto outros ocultam esse talento, tu te fazes proclamar abertamente diante de todos os helenos sob a denominação de sofista e te apresentas como mestre de educação e de virtude, sendo que foste o primeiro que exigiu pagamento por suas lições. Como fora possível não convidar-te para a discussão de tais problemas, de interrogar-te e de aconselhar-me contigo? Não poderia deixar de fazê-lo. Assim, desejo agora que a respeito da questão que há momentos foi

- objeto de minhas perguntas, em parte a recapitules do começo e em parte a examines juntamente comigo. A questão, se não estou equivocado, era a seguinte:
- b a sabedoria, a temperança, a coragem, a justiça e a santidade, sendo cinco nomes diferentes, aplicam-se a uma só coisa, ou a cada uma em separado corresponde uma essência subjacente, dotada cada uma de propriedade peculiar, que se distingue de todo em todo
- d das demais? Afirmaste que não somente não se tratava de nomes diferentes de uma só coisa, como a cada nome correspondia um objeto particular e que todos eram parte da virtude, não como são as partes do ouro semelhantes entre si e com o todo de que são partes, porém como as partes do rosto com relação ao todo de que são partes, dessemelhantes entre si e cada uma dotada de função própria. Se ainda pensas como antes, declara-o logo; caso contrário, apresenta tuas razões, pois não farei carga contra ti, se afirmares agora coisa diferente; não me admiraria se te tivesses expressado daquele modo só para experimentar-me.
- e

XXXIV – Então declaro-te, Sócrates, que todas essas qualidades são, de fato, partes da virtude, e que quatro delas são mais ou menos semelhantes entre si, porém a coragem é em tudo diferente das outras. Convencer-te-ás de que estou com a verdade, pelo seguinte: ser-te-á fácil encontrar muitos indivíduos injustos em alto grau, ou por demais ímpios, ou intemperantes em excesso, ou supinamente ignorantes, porém dotados de grande coragem.

- e – Para aí, lhe falei; vale a pena examinarmos essa proposição. Chamas corajosos aos indivíduos audazes, ou de que jeito?
- Sim, disse ele, a esses e aos que também vão sem medo aonde outros receiam ir.
- Muito bem; e afirmas que a virtude seja algo belo, e, como bela é que te propões ensiná-la?

- Belíssima, respondeu, se não perdi de todo o juízo.
- E como é constituída: será bela em parte, e em parte feia, ou inteiramente bela?
- É toda bela, respondeu; tanto quanto possível.
- 350 a – Sabes quem mergulha corajosamente nos poços?
- Sei; os mergulhadores.
- Por que sabem mergulhar, ou por outra razão?
- Porque sabem mergulhar.
- Quem é que combate audazmente a cavalo: os que sabem montar ou os que não sabem?
- Os que sabem.
- E com escudo pequeno: os peltastas ou os que não sabem manear a pelta?
- Os peltastas. E assim com tudo o mais, acrescentou, se é esse o ponto a que queres chegar: os que sabem são mais corajosos do que os ignorantes, e mais corajosos ainda do que eram antes de aprender.
- b – Mas já viste, perguntei, pessoas inteiramente ignorantes de todas essas coisas e que revelassem audácia com relação a todas elas?
- Já, respondeu; e bastante audácia, até.
- Sendo assim, os audaciosos são corajosos.
- Isso equivaleria a qualificar muito por baixo a coragem, porque aqueles não passam de loucos.
- Como então, lhe perguntei, definiste os homens corajosos? Não são audaciosos?
- Ainda digo a mesma coisa, respondeu.
- c – Sendo assim, repliquei, os audaciosos por ignorância não são realmente corajosos, porém loucos? Há pouco, os mais sábios se nos revelaram como sendo os mais audazes, e, como tal, os mais corajosos.
- Com esse raciocínio, a sabedoria seria coragem. Não te lembras bem, Sócrates, continuou, do que eu disse em resposta às tuas perguntas. Interrogado por ti se os indivíduos corajosos são audazes, respondi que sim. Porém não fui perguntado se os homens audazes eram

- d corajosos. Se me tivesses apresentado essa pergunta, eu teria respondido que nem todos. Quanto ao meu princípio, de que os indivíduos corajosos não são audaciosos, de forma alguma demonstraste ter sido erradamente admitido. De seguida, passaste a asseverar que os que têm conhecimento de uma coisa tornam-se mais audazes do que antes, e mais, também, do que os que carecem desse conhecimento, baseado no que, concluíste que a coragem é a mesma coisa que a sabedoria. Levando o raciocínio para esse lado, poderias chegar à conclusão de que força é sabedoria. Primeiro, a raciocinar por esse modo, me perguntarias se os homens fortes são capazes, ao que eu responderia afirmativamente; depois, perguntarias se os que sabem lutar são mais capazes de lutar do que os que não o sabem, e também mais do que antes de sabê-lo, no que eu, do mesmo modo, teria concordado. Admitidos esses dois pontos e empregando o mesmo modo de raciocínio, poderias afirmar que, de acordo com minha própria concessão, o saber é força. Mas de forma alguma posso conceder que os indivíduos capazes sejam fortes, admitindo, embora,
- 51 a que os fortes sejam capazes. Não é a mesma coisa capacidade e força; uma, a capacidade, provém do conhecimento como provém, também, da loucura e da cólera; mas a força deriva da natureza e da boa alimentação do corpo. Ainda no mesmo caso, não afirmei que audácia e coragem sejam a mesma coisa. Acontece que os indivíduos corajosos também são audaciosos, porém nem todos os indivíduos audaciosos são corajosos.
- b A audácia pode ser dada aos homens pela arte, pela loucura ou pela cólera, do mesmo modo que a capacidade, ao passo que a coragem provém da natureza e da boa alimentação da alma.

XXXV – Admites, Protágoras, lhe perguntei, que alguns homens vivem bem, e outros mal?

Respondeu que sim.

– E achas que vive bem o homem entre dores e tristezas?

Respondeu que não.

– E no caso de viver agradavelmente até morrer, não te parece que teve uma boa vida?

– Sem dúvida, respondeu.

– Então, viver agradavelmente é bom, e viver por maneira desagradável é mau?

c – No caso, disse ele, de conciliar-se a vida agradável com a honestidade.

– Como assim, Protágoras? Como muita gente, consideras más algumas coisas agradáveis; e boas algumas desagradáveis? O que eu penso é que, enquanto agradáveis, são boas essas coisas, se não têm conseqüências de outra natureza; e, por outro lado, com relação às coisas desagradáveis, como desagradáveis não serão más?

d – Não sei, Sócrates, respondeu, se deva responder no mesmo teor simplista com que apresentas a pergunta, que tudo o que é agradável é bom, e tudo o que é desagradável é mau. Afigura-se-me mais seguro, não somente para a presente resposta como para o ulterior decurso de minha vida, dizer que entre as coisas agradáveis algumas há que não são boas, e que entre as desagradáveis algumas há que não são más, e outras que o são, como também há uma terceira categoria de coisas que não são nem isso nem aquilo, nem boas nem más.

e – Dás o nome de agradável, perguntei, ao que está ligado ao prazer ou é causa de prazer?

– Perfeitamente, respondeu.

– Ora, quando eu pergunto se na qualidade de agradáveis não são boas as coisas, é para perguntar se o prazer em si não é bom?

– Como gostas de dizer amiúde, Sócrates, me falou, examinemos a questão; se a investigação nos levar por esse caminho, vindo a parecer-nos idênticos o agradável

e o bom, ficaremos de acordo. Caso contrário, prosseguiremos na discussão.

- Que preferes, perguntei: dirigir a investigação ou deixar isso a meu cargo?

- Justo é que a dirijas, pois foi provocada por ti.

352 a

- É possível, lhe disse, que por este modo ela se torne clara. Como no caso de examinar a aparência externa de alguém, para nos informarmos a respeito de sua saúde ou de qualquer atividade do corpo, e depois de lhe vermos o rosto ou a extremidade das mãos lhe disséssemos: Vamos, descobre-nos também o peito e o dorso, para que possamos examinar melhor. Coisa parecida é que desejo para nossa investigação. Já tendo visto, pelo que disseste, qual é a tua maneira de pensar a respeito do bom e do agradável, precisarei perguntar-te: Vamos, Protágoras, descobre-me também essa outra parte do teu pensamento. Que opinião fazes do conhecimento? Ajuízas a esse respeito como os demais homens, ou por modo diferente? A grande maioria dos homens pensa do conhecimento mais ou menos o seguinte: que não é forte, nem capaz de guiar, nem de comandar; não cogitam dele nessas conexões, sendo, pelo contrário, de parecer que muitas vezes, embora seja o homem dotado de conhecimento, não é governado por ele, mas por qualquer outra coisa, ora pela cólera, ora pelos prazeres, ora pela dor, algumas vezes pelo amor, e muito freqüentemente pelo medo, e consideram o conhecimento mais ou menos como um escravo que se deixa arrastar por tudo. Pensas do mesmo modo a seu respeito, ou julgas ser o conhecimento algo belo e capaz de governar o homem, de forma que, quando alguém adquire a noção do bem e do mal, não se deixa dominar por nada e só faz o que o conhecimento lhe ordena, por ser a inteligência bastante idônea para ajudar o homem?

- Penso do conhecimento, Sócrates, me falou, justamente como acabaste de dizer, pois fora vergonhoso para mim, mais do que para qualquer outra pessoa, negar

que a ciência e a sabedoria sejam o que há de mais elevado entre as coisas humanas.

- Muito bem dito, respondi, e muito certo. Porém deves saber que a maioria dos homens não é nem do meu parecer nem do teu, e que afirmam ter muita gente o conhecimento perfeito do que é melhor, sem nunca pô-lo em execução, embora o pudessem, para se resolverem por coisa muito diferente. E todas as pessoas a quem eu perguntei qual era a causa de semelhante fato responderam que a causa de fazerem o que fazem é ficarem dominadas pelos prazeres, ou pela dor, ou por qualquer das paixões a que há pouco me referi.

e

- Sobre muitas coisas mais, Sócrates, respondeu, os homens também têm idéias errôneas.

353 a

- Então, ajuda-me a convencer os homens e a informá-los a respeito da natureza dessa condição denominada por eles "Ser vencido pelos prazeres", e que os leva a não fazer o melhor, apesar de o conhecerem. É possível que se lhes disséssemos: Amigos, estais enganados; não dizeis a verdade! eles nos retrucariam: Sócrates e Protágoras, se essa condição não consiste em ser vencido pelo prazer, em que, então, consistirá e que presumis que ela seja? Dizei-nos.

- Como, Sócrates, teremos de tomar em consideração a opinião do vulgo, se eles sempre falam o que lhes vem à cabeça?

b

- Creio, respondi, que isso pode ajudar-nos a descobrir a relação existente entre a coragem e as outras partes da virtude. Se ainda fores de opinião de que devemos manter o que combinamos há pouco, a saber, que eu indicaria o melhor caminho para esclarecer a questão, acompanha-me; caso contrário, e se te deres por satisfeito, fiquemos por aqui mesmo.

- Não, respondeu; estás certo; termina como começaste.

- c XXXVI – E no caso, lhe disse, de voltarem a perguntar-nos: Que entendeis pelo que na nossa maneira de falar denominamos “Ser vencido pelos prazeres”? Minha resposta seria a seguinte: Prestai atenção, que eu e Protágoras vamos tentar explicar-vos o que seja. Que outra coisa, amigos, entendeis por isso, se não for, por exemplo, como nos casos tão freqüentes em que vos deixais dominar pelos prazeres da comida, da bebida ou do amor, conscientes de que são práticas nocivas, e, apesar disso, vos entregais a elas? Teriam de concordar. De seguida, voltaríamos, eu e tu, a perguntar-lhes: Por que
- d dizeis que essas coisas são nocivas? Por proporcionarem prazer no momento que passa e serem agradáveis de per si, ou por causarem ulteriormente pobreza, ou doenças, ou outros males do mesmo gênero? E no caso de não terem nenhuma dessas conseqüências e serem exclusivamente fonte de prazer, ainda seriam consideradas nocivas, por serem causa imediata de prazer de qualquer natureza? Não devemos admitir, Protágoras, que eles não nos responderiam senão que não são nocivas
- e por causa dos prazeres imediatos que ocasionam, mas por causa das doenças e outros males que lhes vêm no rastro?
- Penso, disse Protágoras, que o vulgo responderia desse modo.
- Sendo assim, o que ocasiona doença ocasiona dor, como é também causa de dor o que ocasiona pobreza? Quero crer que eles confirmariam essa proposição.
- Protágoras concordou.
- Não sois de parecer, amigos, como eu e Protágoras sustentamos, que essas coisas não são más senão por terminarem em dor e nos privarem de outros prazeres?
- 354 a Não concordariam conosco?
- Estamos de acordo.
- E se lhes apresentássemos o problema pela outra face e lhes disséssemos: Amigos, quando afirmais que certas coisas boas são dolorosas, não tendes em mente

as do tipo dos exercícios físicos, das expedições militares e dos tratamentos médicos por cauterização, amputação, ingestão de mezinhas e dietas prolongadas, que são boas em si mesmas, porém dolorosas? Não concordariam conosco?

Foi de parecer que sim.

- b – Dais-lhes, porventura, o nome de boas por ocasionarem imediatamente sofrimentos e dores excruciantes, ou porque, de preferência, são causa ulterior de saúde e de bem-estar físico, da salvação da cidade, de domínio sobre os outros, e de riqueza? Acho que eles responderiam que sim.

Concordou.

– E serão boas essas coisas por outro motivo que não seja por terminarem em prazer, acabarem com a dor, ou por nos preservarem dela? Ou tendes em mira algum outro ponto de referência, além do prazer e da dor, para considerá-las boas? Estou certo de que responderiam que não têm.

– É também o que eu penso, disse Protágoras.

– Logo, empenhai-vos em alcançar o prazer como um bem, e fugis da dor, como de um mal?

Concordou comigo.

– Sendo assim, considerais que a dor é um mal, e o prazer, um bem, porque ao próprio prazer dais o nome de mal, quando vos priva de maiores gozos do que nele se contém, ou quando ocasiona maiores sofrimentos do que seus gozos peculiares. Porque, se dais o nome de mal ao prazer por outro motivo ou por visardes a finalidade diferente, estareis em condições de no-la revelar. Porém, não a encontrareis.

- d – Penso também que não, disse Protágoras.
- E não poderíamos dizer a mesma coisa com relação à dor? Não dizeis que a dor é um bem, quando nos livra de sofrimentos maiores do que os que lhe são inerentes, ou quando nos proporciona maiores gozos do que esses sofrimentos? Porque, se tendes em mira coisa diferente
- e

do que eu disse, quando qualificais a dor como um bem, estariéis em condições de declará-lo. Porém, não tendes.

– É muito certo, disse Protágoras.

– E se pelo vosso lado, amigos, continuei, me perguntásseis: Qual é a razão de vos alongardes tanto sobre essa questão e de a apreciardes sob tão variadas facetas? Perdão, amigos, lhes responderia; em primeiro lugar, não é coisa fácil demonstrar em que consiste o que denominais “Ser vencido pelos prazeres”. Depois, é nisso
355 a que se firma toda a minha demonstração. Mas ainda está em tempo de vos retratardes, no caso de poderdes argumentar, para provar que o bem é algo diferente do prazer, e o mal, do sofrimento. Ou bastar-vos-á passar agradavelmente a vida e sem nenhuma espécie de sofrimento? Se isso vos basta e se não podeis mostrar nenhum bem ou nenhum mal que não termine em prazer ou em sofrimento, ouvi as conseqüências. Se as coisas se passassem desse modo, digo-vos que seria ridículo afirmar, como o fizestes, que o homem, muitas vezes, apesar de saber que o mal é mal, não deixa de praticá-lo, embora tenha a liberdade de decidir-se de outra forma,
b por ser arrastado e subjugado pelo prazer, para voltardes a afirmar que o homem, embora conhecendo o bem, não se decide a praticá-lo, por encontrar-se dominado pelo prazer do momento.

XXXVII – Quanto é ridículo tudo isso, ficará patente, se, em vez de empregarmos muitos nomes ao mesmo tempo: agradável e desagradável, o bem e o mal, usarmos somente dois nomes, por tratar-se apenas de duas coisas: primeiro, bom e mau; depois, agradável e desagradável. Assentado esse ponto, dizemos que um
c homem, conhecendo que o mal é mal, não se abstém de praticá-lo. E se alguém nos perguntar: E a razão disso? diremos que foi vencido. Vencido por que coisa? insistirá a pessoa, sem que possamos responder que foi vencido pelo prazer, pois substituímos o nome de prazer pelo de

bem. Assim, responderíamos que foi vencido. Vencido por que coisa? perguntará. Pelo bem, é o que lhe responderíamos, por Zeus. E se o nosso interpelante for
d dotado de espírito galhofeiro, não deixará de rir e de dizer que é por demais risível, conhecendo alguém o mal, praticá-lo, quando poderia deixar de fazê-lo, por ter sido vencido pelo bem. Trata-se de um bem, continuaria ele a perguntar, capaz ou incapaz de vencer aquele mal? É evidente que teríamos de dizer-lhe que era incapaz, pois de outro modo não teria errado a pessoa que dissemos ter sido vencida pelos prazeres. E qual é a razão, talvez
e ele perguntasse, de ser o bem incapaz de vencer o mal ou o mal incapaz de vencer o bem? Não é por serem uns maiores e outros menores, ou mais numerosos uns e menos numerosos outros? Não poderíamos aduzir outras razões. É evidente, diria ele, que o que denominais “Ser vencido” é receber alguém maiores males em lugar de menores bens. Esse ponto já ficou assentado. Troquemos agora os nomes e apliquemos para as mesmas coisas as expressões “agradável” e “desagradável”, e digamos que o homem pratica – há pouco dizíamos o mal; ponhamos
356 a agora – coisas desagradáveis, por ter sido vencido por coisas agradáveis, evidentemente porque estas não eram capazes de vencer aquelas. E o que é que condiciona a superioridade ou a inferioridade dos prazeres ou dos sofrimentos, se não for excesso ou falta de uns com relação aos outros, podendo uns ser maiores ou menores, mais numerosos ou menos numerosos, mais fortes ou mais fracos do que os outros? E se alguém objetasse: Mas, Sócrates, é muito grande a diferença entre o prazer presente e o prazer ou o sofrimento por vir! eu lhe perguntaria: Consiste essa diferença em algo que não
b seja prazer ou sofrimento? Não pode consistir noutra coisa. Do mesmo modo que o homem que sabe pesar coloca na balança as coisas agradáveis e as desagradáveis, as próximas e as afastadas, e as pesa para saber quais levam vantagem sobre as outras: assim, quando pesares

coisas agradáveis com coisas agradáveis, ser-te-á preciso tomar sempre as maiores e as mais numerosas, e quando o fizerdes com coisas desagradáveis, as menores e menos numerosas; porém, no caso de pesares coisas agradáveis com desagradáveis, predominando os sofrimentos sobre os prazeres, as coisas próximas sobre as afastadas, ou as afastadas sobre as próximas, procederás de modo que ressalte essa diferença; porém, no caso de predominarem os sofrimentos sobre os prazeres, deverás abster-te de continuar. Não é assim mesmo, amigos, lhes diria, que devemos proceder? Tenho certeza de que não poderiam indicar outra maneira.

Concordou também nesse particular.

– Se tudo se passa desse modo, lhes diria, respondi-me ao que segue: as mesmas coisas não se vos afiguram maiores, quando mais próximas, e menores, quando mais afastadas? Ou não? Concordariam. E não se passa o mesmo com a grossura e o número? E sons iguais, não são mais fortes, quando ouvidos de perto, e mais fracos, quando de longe? Diriam que sim. Ora, se nosso bem-estar consistisse em fazer e escolher o que é grande, e evitar e não fazer o que é pequeno, qual seria o princípio salvador da vida humana? A arte de medir ou a força da aparência? Não nos ilude esta última, levando-nos muitas vezes a inverter as relações das coisas, a modificar nossos propósitos e a nos arrependermos da resolução tomada, não só com referência a nossos atos, como com a escolha das coisas grandes e das pequenas? A arte da medida, pelo contrário, não neutralizaria essa ilusão, com resolver a verdadeira relação das coisas, e não asseguraria à alma a tranquilidade fundada sobre a verdade, salvando, assim, nossa vida? Não concordariam todos em que esse resultado seria obtido pela arte da medida? ou apontariam outra?

– A arte da medida, concedeu Protágoras.

– E então? E se a salvação de nossa vida dependesse da escolha do ímpar e do par, ou de sabermos quando

devemos escolher com acerto o mais, ou quando o menos, comparando-os cada um consigo mesmo ou um com o outro, quer estejam próximos, quer distantes, o que nos asseguraria a salvação da vida? Não seria algum conhecimento, a saber, o conhecimento das medidas, já que em dados casos o que importa é apreciar o excesso ou a falta de alguma coisa? E se essa arte diz respeito ao par e ao ímpar, que outra poderá ser, além da aritmética? Não concordariam conosco os homens a esse respeito? Ou não?

O próprio Protágoras teve de confessar que concordariam.

– Muito bem, amigos! Já que a salvação de nossa vida se nos revelou como consistindo na escolha acertada de prazeres e de sofrimentos, conforme sejam mais ou menos numerosos, maiores ou menores, ou se encontrem mais afastados ou mais perto, não é evidente que o de que se faz mister é do conhecimento das medidas para estudar o excesso, a falta ou a igualdade de uns com relação aos outros? Necessariamente. Sendo conhecimento de medidas, forçosamente será ciência e arte. Que espécie de arte e de conhecimento é o que veremos mais adiante. Que seja ciência, é quanto basta para a demonstração que eu e Protágoras temos de fazer com relação à questão que nos apresentastes. Se ainda estais lembrados, perguntastes, quando estávamos de acordo, que não havia nada mais forte do que o conhecimento e que onde quer que ele se encontre domina sempre os prazeres e tudo o mais. Asseverastes então que muitas vezes o prazer triunfa sobre o homem de conhecimento, e como não quiséssemos concordar convosco nesse ponto, perguntaste-nos a seguir: Sócrates e Protágoras, se isso não é ser vencido pelo prazer, que poderá então ser, e como explicais? Dizei-nos. Se vos tivéssemos respondido de pronto que era ignorância, teríeis rido de nós, ao passo que, rindo de nós neste momento, estaríeis rindo de vós mesmos, pois vós

e mesmos concordastes que quem erra na escolha dos prazeres e dos sofrimentos, isto é, dos bens e dos males, erra por falta de conhecimento, não de conhecimento em geral, mas daquele que admitistes como sendo o conhecimento da medida. Toda ação errada por falta de conhecimento, bem como o sabeis, decorre da ignorância, de forma que ser vencido pelo prazer é a maior ignorância. É justamente essa ignorância que Protágoras, aqui presente, se propõe curar como médico, juntamente com Pródico e Hípias. Vós, porém, que pensais tratar-se de coisa muito diferente da ignorância, nem procurais esses professores de virtude, os sofistas, nem enviais para eles vossos filhos, como se ela não pudesse ser ensinada; mostrando-vos sovinas de vosso dinheiro e recusando-vos a dar-lhes o que eles pedem, procedeis mal, tanto em particular como na qualidade de cidadãos.

358 a XXXVIII – Assim é que responderíamos a essas pessoas. E agora cabe-me perguntar-vos, depois de tê-lo feito a Protágoras – pois minha argumentação também vos diz respeito – se sois de opinião que falei certo ou errado?

Todos foram de parecer que eu estava absolutamente certo no que afirmara.

b – Logo, lhes disse, concordais que o agradável é bom, e o desagradável é mau? Faço abstração neste momento das distinções de palavras estabelecidas por Pródico. Quer dês a isso o nome de agradável, quer o de delicioso, ou de delectável, ou como quer que te apraza denominá-lo, meu caro Pródico, responde-me apenas no sentido da minha pergunta.

Rindo, concordou Pródico, no que foi acompanhado pelos demais.

– E agora, amigos, lhes falei, que pensais do seguinte: todas as ações que têm por fim uma vida agradável e sem sofrimentos não são também belas? E todos os atos belos não serão, de igual modo, bons e úteis?

Concordaram.

c – Logo, continuei, se o que é agradável é bom, não há ninguém que, sabendo ou presumindo que há coisas melhores do que o que ele faz ou pode fazer, decida-se por aquelas, quando depende exclusivamente dele realizar o melhor. Ser inferior a si mesmo não é mais do que ignorância, como é sabedoria saber alguém dominar-se.

Todos concordaram.

– E então? A que dais o nome de ignorância, não é formar juízo errôneo ou enganar-se alguém a respeito de coisas importantes?

Todos, neste ponto, também concordaram.

d – E não é certo, voltei a falar, que não há quem, por livre deliberação, se empenhe em praticar o mal ou o que ele considera como tal, por não ser de natureza do homem decidir-se pelo que ele considera mal, em detrimento do bem, nem, na contingência de ter de escolher entre dois males, decidir-se pelo maior, quando podia optar pelo menor.

– Todos nós nos declaramos de acordo nesse particular.

– Muito bem, voltei a falar; não existe algo a que dais o nome de medo ou pavor? E não empregais esses termos precisamente como o faço? É contigo que estou falando, Pródico; entendo por essa designação a expectativa de algum mal, quer dês a isso o nome de medo, quer o de pavor.

e Protágoras e Hípias foram de parecer que medo e pavor era justamente isso, porém Pródico achou que se tratava de medo, não de pavor.

– Isso não vem ao caso, Pródico, lhe falei; o que importa é sabermos se é verdade o que foi dito há pouco, a saber: se há quem se empenhe atrás do que ele próprio receia, quando depende dele aplicar-se a coisa diferente, ou se é isso impossível, de acordo com o que assentamos antes? Quem tem medo de alguma coisa, já o

reconheceste, é porque a considera má; ora, não há quem corra atrás do que ele considera um mal, ou que se disponha a recebê-lo.

359 a Todos ficaram, também, de acordo sobre isso.

XXXIX – Uma vez assentadas essas premissas, continuei, Pródico e Hípias, cabe agora a Protágoras explicar-me como pode ser certo o que ele asseverou no começo; não, propriamente, o que ele disse em primeiro lugar, quando afirmou que das cinco partes da virtude nenhuma era como a outra, e que cada uma tinha função própria. Não me refiro a isso, porém ao que ele afirmou depois. Mais adiante, ele disse que quatro partes da virtude eram mais ou menos semelhantes entre si, mas

b que a outra, a coragem, diferia de todo das demais, o de que eu poderia convencer-me, disse ele, pelo seguinte: Com efeito, Sócrates, poderás encontrar homens por demais ímpios, ou injustos em alto grau, ou intemperantes em excesso, ou supinamente ignorantes, porém dotados de grande coragem, o que te permitirá concluir que a coragem difere muito das outras partes da virtude. Naquele momento, eu me admirei muito da resposta, e mais admirado me encontro agora, depois de

c perguntado se por homem corajoso ele entendia audacioso, ao que ele respondeu: E destemeroso em extremo. Não te recordas, Protágoras, de que me deste essa resposta?

Concordou.

– Muito bem, continuei; explica-nos agora contra o que os indivíduos corajosos avançam sem medo algum? Para as mesmas coisas contra que avançam os cobardes?

Respondeu que não.

– Então é contra coisas diferentes?

– Sim, disse ele.

– Nesse caso, enfrentam os cobardes as coisas que inspiram confiança, e os corajosos as que inspiram temor?

– Sim, Sócrates; é o que todos dizem.

d – Falas com acerto, respondi: porém não foi a eles que me dirigi, mas a ti, para perguntar-te que é o que dizes que os homens corajosos enfrentam? Enfrentam as coisas que inspiram temor, cientes de que são perigosas, ou as que o não são?

– Ora, voltou ele, ficou demonstrado no que disseste há pouco que tal é impossível.

– Sobre isso, também, falas com acerto, lhe disse; sendo assim, se a demonstração está bem feita, ninguém vai ao encontro do que considera perigoso, pois ficou provado que ser inferior a si mesmo é ignorância.

Concordou.

e – Então é contra as coisas que inspiram confiança que todos se atiram, tanto os cobardes como os corajosos; donde se conclui que tanto os cobardes como os corajosos se atiram contra a mesma coisa.

– No entanto, Sócrates, são inteiramente opostas as coisas que os cobardes e as que os corajosos enfrentam. Para dar um exemplo à mão, estes se mostram dispostos a ir para a guerra, e aqueles fogem dela.

– E assim procedem, perguntei, por ser belo ir para a guerra, ou por ser vergonhoso?

– Por ser belo, respondeu.

– Logo, se é belo, também é bom, conforme admitimos há pouco, ao concluirmos que todas as ações belas eram boas.

– É certo, respondeu; sempre fui desse parecer.

360 a – Muito bem, retruquei; porém quem são os que tu dizes que se recusam a ir para a guerra, apesar de ser isso uma coisa bela e boa?

– Os cobardes, respondeu.

– E sendo bela e boa, perguntei, não será também agradável?

– Pelo menos assim o admitimos, respondeu.

– Logo, é com conhecimento de causa que os cobardes se recusam a ir empós do melhor, do mais belo e do mais agradável?

– Se concedermos isso, replicou, destruiremos tudo o que admitimos até aqui.

– E o corajoso, perguntei, não se atira para tudo o que é belo, bom e agradável?

– Necessariamente, disse, teremos de admitir esse ponto.

b – E não é também certo que de forma alguma os corajosos revelam medo vergonhoso, quando têm medo, nem ousadias condenáveis, quando são ousados?

– É certo, respondeu.

– Não sendo vergonhosas, não serão belas?

Concordou.

– E sendo belas, são boas?

– Sim.

– Por outro lado, os cobardes, os audaciosos e os furiosos, quando têm medo revelam medo vergonhoso, e, quando ousados, cometem ousadias condenáveis?

Concordou.

– E essas ousadias condenáveis e feias, poderão ter outra causa além da ignorância e da falta de conhecimento?

c – É assim mesmo que as coisas se passam, disse.

– E então? Ao que faz que os cobardes sejam cobardes, dás o nome de cobardia ou de coragem?

– O de cobardia, sem dúvida, respondeu.

– E não se nos revelaram cobardes por carecerem do conhecimento do que deve ser temido?

– Perfeitamente, disse.

– Logo, é por causa dessa ignorância que eles são cobardes?

Concordou.

– E o que os deixa cobardes, concordaste há pouco, é a cobardia.

Disse que sim.

– Nesse caso, cobardia viria a ser o desconhecimento das coisas que são de temer e das que não o são?

Fez sinal afirmativo.

– Porém a cobardia, perguntei, é o oposto da coragem?

d Concordou.

– E o conhecimento do que é perigoso e do que não é, não será o contrário da ignorância disso mesmo?

A essa pergunta, também, fez sinal de assentimento.

– E o desconhecimento disso, é cobardia?

Com visível relutância, fez novo sinal afirmativo.

– Coragem, por conseguinte, é o conhecimento do que é perigoso e do que não o é, o contrário, justamente, da ignorância dessas mesmas coisas.

Nesse ponto não respondeu nem por mímica; manteve-se calado. Então, interpelei-o: – Como, Protágoras? não respondes nem sim nem não ao que te perguntei?

– Arremata tu mesmo o assunto, respondeu.

e – Só desejo apresentar-te uma pergunta, repliquei: se ainda és de opinião, como no começo, de que pode haver homens ignorantes, porém corajosos?

– Revelas grande empenho, Sócrates, me falou, em que seja eu que te responda. Para ser-te agradável, dir-te-ei que, de acordo com os princípios que assentamos antes, parece-me que isso não é possível.

XL – Meu único objetivo, lhe disse, ao apresentar-te todas essas perguntas, não é outro senão o de examinar os problemas relativos à virtude e o que venha a ser a virtude em si mesma. Estou convencido de que, uma vez esclarecido esse ponto, ficará resolvida a questão a respeito da qual eu e tu nos estendemos em tão longa discussão, eu a afirmar que a virtude não podia ser ensinada, e tu, que podia sê-lo. Quer parecer-me que a última conclusão de nossa controvérsia se levanta contra nós, à guisa de uma pessoa, para acusar-nos e zombar de

nós, e que se fosse dotada de voz, nosalaria deste modo: Sois dois tipos bastante curiosos, Sócrates e Protágoras! Tu, que no começo afirmavas que a virtude não pode ser ensinada, apressas-te agora em contradizer-te, empenhando-te em demonstrar que tudo é conhecimento, a justiça, a temperança e a coragem, o que impõe a conclusão de que a virtude pode perfeitamente ser ensinada. Pois se a virtude fosse algo diferente do conhecimento, como Protágoras procurou demonstrar, evidentemente não poderia ser ensinada. Agora, porém, que se revelou como sendo inteiramente conhecimento, em cuja demonstração tanto te empenhas, Sócrates, fora de admirar se ela não pudesse ser ensinada. Por sua vez, Protágoras, que antes admitia poder ser ela ensinada, parece defender agora com afinco a opinião oposta, de poder ser tudo a virtude, menos conhecimento, do que obriga a concluir que ela repele qualquer modalidade de ensino. Quanto a mim, Protágoras, percebendo a terrível confusão a que chegamos, sem que tivesse ficado pedra sobre pedra, tenho grande empenho em esclarecer essas questões e desejaria que, depois de as discutirmos particularmente, voltássemos a considerar a própria virtude, para sabermos o que ela seja, e examinar de novo se pode ou não pode ser ensinada; receio muito que aquele Epimeteu nos tenha preparado algum passa-moleque no decurso de nossas investigações, como já de outra vez se esqueceu de nós, conforme disseste, na distribuição. Naquela fábula agrado-me muito mais de Prometeu do que de Epimeteu. E porque decidi tomá-lo como modelo e prometer a mim mesmo seguir a vida inteira a sua previsão, é que me dedico a essas indagações; se for do teu agrado, conforme declarei no começo, com muito gosto voltarei a examinar contigo essas questões.

A isso Protágoras replicou: – Louvo, Sócrates, tua disposição, e a maneira por que conduzes o diálogo, pois sem falar de outros defeitos de que me considero isento,

sou dos homens o menos sujeito à inveja. E porque já tive muitas oportunidades de dizer que, dos homens com que tenho entrado em contacto, és o que eu mais admiro, muito acima dos da tua idade, acrescento agora que não me causa surpresa vires algum dia a incluir-te no número dos homens célebres pela sabedoria. Acerca destas questões, mais para diante, caso queiras, voltaremos a conversar; agora, assunto urgente me reclama.

362 a

– Perfeitamente, lhe falei; faremos o que dizes, se te comprazes nisso. Há muito, também eu já deveria ter ido para o encontro a que me referi; só me deixei ficar aqui por amor de Cálías, o belo.

Depois de havermos falado e ouvido tudo isso, separamo-nos.

